

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Layana da Rosa Ferreira

**DISPOSITIVO RAÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO NOS CORPOS DE ARTISTAS NEGROS**

Santa Maria, RS  
2020

Layana da Rosa Ferreira

**DISPOSITIVO RAÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE  
SUBJETIVAÇÃO NOS CORPOS DE ARTISTAS NEGROS**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Andréa do Amparo Carotta de Angeli

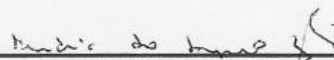
Santa Maria, RS  
2020

Layana da Rosa Ferreira

## DISPOSITIVO RAÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS CORPOS DE ARTISTAS NEGROS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Terapia Ocupacional, na área de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Terapia Ocupacional**.

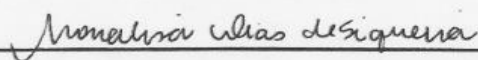
Aprovado em 1 de setembro de 2020:



**Andréa do Amparo Carrota de Angeli**  
(Presidente/Orientador)



**Marlete Oliveira**  
Avaliadora



**Prof. Dra. Monalisa Dias de Siqueira.**  
Docente Avaliadora

Santa Maria, RS  
2020.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Santa Maria e ao curso de Terapia Ocupacional, por todo o conhecimento que foi transferido a mim, as possibilidades e experiências vividas durante o percurso para que eu pudesse me desenvolver profissionalmente.

À minha orientadora, Andréa por me auxiliar, e guiar no processo de construção da pesquisa. Por acreditar em mim, compreender e acolher as mais diferentes angústias e incentivar para que seguisse. Por ter sido afeto e escuta em diversos momentos e ter sido uma pessoa importante para meus processos de construção enquanto sujeito e profissional crítico e disponível, desde a primeira disciplina de Atividade e Recursos terapêuticos I.

Ao grupo de orientação da pesquisa, por serem amigos, pelas trocas, pelos encontros, cafés, risadas, angústias, e também por cada troca de palavra, incentivo e cada dica de leitura ou de adaptação no texto. As/os mestres, as técnicas administravas, aos colegas e ao DATO, que foram importantes nessa jornada. E o tanto de trocas e encontros possíveis graças ao apoio de todos.

A Abayomi e Baobá, por estarem dispostos a participar da pesquisa, abrir brechas em seus compromissos e participarem com maior empenho em cada processo. Aprendi e cresci muito com ambos, obrigada pelas trocas, afetos, e por confiarem suas importantes histórias a mim.

Agradeço a todos que compõe o caminho ao meu lado. Aos meus pais, minha mãe Luciane Santos da Rosa, mulher negra e de admirável caráter e força, ao meu pai amigo e companheiro Antônio Rogerio de Oliveira Ferreira, aos meus irmãos Alana, Naylana, Brenda, Breno, Bruno da Rosa Ferreira, inseparáveis que sempre estiveram ao meu lado independentemente da situação e estão ao meu lado das mais diversas formas. Aos demais familiares que sempre auxiliaram e compreenderam as ausências e vibram a cada nova conquista, e também estavam ao meu lado nos momentos difíceis. Em especial a minha avó Réa Silvia.

Agradeço também as/os amigas/os muitos me acompanham antes de iniciar a graduação, outros nos conhecemos durante o percurso, obrigada por cada momento, e por deixarem os dias difíceis mais leve, eu aprendi e aprendo muito com cada um que cruzou meu caminho e os amo muito.

Ao meu companheiro de caminhada José Maria, que foi suporte, aconchego, cuidado, e também um braço direito no processo de escrita. Obrigado pelo companheirismo, pelas noites de conversas devido a insônia e por tudo que és.

Agradeço imensamente a cada um que fez/faz parte da minha vida até aqui só chego até o fim devido a cada contribuição. Obrigada por todo afeto, amor, preocupação e carinho. Muito obrigada por existirem. Admiro cada um nas suas singularidades.

E por último, mas não menos importante agradeço a todas as pessoas negras, por sermos resistência, afeto, amor, encontros, voz, escuta, trocas e existências. Resistimos!

## RESUMO

# DISPOSITIVO RAÇA: CARTOGRAFANDO OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NOS CORPOS DE ARTISTAS NEGROS

AUTORA: Layana da Rosa Ferreira  
ORIENTADORA: Andréa do Amparo Carotta de Angeli

Este trabalho buscou compreender o conceito de dispositivo raça e seus mecanismos que perpassam cotidianamente corpos negros, cartografando processos de subjetivação de corpos de artistas negros. Memórias corporais, marcas e cicatrizes históricas, e tantos outros processos são comuns para estes corpos. Para melhor entender a temática, realizamos um levantamento bibliográfico profundo sobre questões raciais, negritude e as diferentes perspectivas, e conceitos que elucidassem o que são os processos de subjetivação. A pesquisa tem enfoque qualitativo, foi desenvolvida a partir de um estudo cartográfico, como estratégia metodológica realizamos a confecção de Mapas corporais narrados com dois sujeitos que estiveram inseridos em experiências artísticas e culturais. Os mesmos foram usados como materiais para o processo de análise da pesquisa. Resultando na cartografia dos processos de subjetivação quando em experiências e vivências do campo da produção de cultura, criando espaços de encontro entre corpos negros e suas ancestralidades. Acompanhamos os diferentes processos de subjetivação de tais corpos quando ocorrem no espaço de produção de cultura e trocas a respeito de uma ancestralidade; identificou-se os diferentes modos de resistência ao reconhecer-se como um corpo negro; observou-se como se dá o encontro entre corpos negros, e como ocorrem trocas ancestrais e formas de resistência. Corporificamos experiências cotidianas, a partir do dispositivo raça, é importante que tenhamos conhecimento sobre nossas histórias e ancestralidade, ocorrendo encontros e trocas com outros corpos negros. Importantes para nossa subjetivação, fortalecimento, acolhimento, (r)existência, abrindo espaços para potências clínicas, políticas e estéticas, provocando reflexões acerca dos contextos que envolvem a população negra.

**Palavras-chave:** Corpos negros. Cartografia. Interface Arte e saúde. Terapia Ocupacional.

## **ABSTRACT**

### **RACE DEVICE: CARTOGRAPHING PROCESSES OF SUBJECTIVATION OF BLACK ARTISTS' BODIES**

AUTHOR: Layana da Rosa Ferreira  
ADVISER: Andréa do Amparo Carrota do Angeli

This work sought to understand the concept of race device and its mechanisms that permeate black bodies on a daily basis, mapping processes of subjectivation of black artists' bodies. Corporeal memories, marks and historical scars, and many other processes are common for these bodies. In order to better understand the topic, we conducted a broad bibliographical survey on racial issues, blackness and different perspectives, and concepts that would elucidate what the processes of subjectivation are. The research has a qualitative focus, being developed from a cartographic study. As a methodological strategy we produced Body-Map Storytelling with two individuals who were inserted in artistic and cultural experiences. Both were used as materials for the process of research analysis. Resulting in the cartography of subjectivation processes related to experiences in the field of culture production and creating spaces of encounter between black bodies and their ancestry. We accompanied the different processes of subjectivation of these bodies when occurring in the space of culture production and exchanges related to ancestry; it was identified the different modes of resistance when recognizing itself as a black body; it was observed how black bodies meet, and how ancestry exchanges and modes of resistance occur. We embody everyday experiences from the race device. It is important that we have knowledge about our histories and ancestry, occurring encounters and exchanges with other black bodies. They are important for our subjectivation, strengthening, acceptance, existence/resistance, opening spaces for clinical, political and aesthetic powers, causing reflections about the contexts that involve the black population.

**Keywords:** Black bodies. Cartography. Interface art and health. Occupational Therapy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Linhas que surgem.....	42
FIGURA 2: Linhas que dão borda - 1º encontro Mapa corporal narrado, Baobá .....	43
FIGURA 3: Linhas que emergem do encontro com Baobá.....	48
FIGURA 4: Mapeamento corporal narrado de Baobá- o sorriso.....	55
FIGURA 5: Boneca Abayomi - Imagem da internet.....	57
FIGURA 6: Figura 6- Alecrim - imagem da internet .....	69
FIGURA 7: Meu próprio Mapa, minhas próprias linhas.....	71

## LISTA DE SIGLAS

FUNDAE	Fundação Educacional e Cultural para o Desenvolvimento e o Aperfeiçoamento da Educação e da Cultura
COVID-19	Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus), “19” se refere a 2019
ONG	Organização Não Governamental
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
TED	Technology, Entertainment and Design



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>SUBJETIVIDADES, EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS.....</b>	<b>18</b>
3.1	TECENDO DISPOSITIVO-RAÇA: IMPEDIMENTOS E EXPERIMENTAÇÕES.....	28
3.2	HABITAR CORPO, DIFERENÇAS, CULTURA E RESISTIR .....	33
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1	– CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA.....	39
3.1.1	Os sujeitos que me acompanharam/acompanhei neste percurso.....	39
3.1.2	Baobá e Abayomi.....	40
3.1.3	Visitas aos espaços de cultura de matriz africana.....	40
3.1.4	– Encontro grupal – constituição da análise e a implicação do pesquisador.....	41
<b>4</b>	<b>CAPITULO 1: ENCONTROS E A CONSTITUIÇÃO DOS MAPAS CORPORAIS NARRADOS.....</b>	<b>43</b>
4.1	O ENCONTRO COM BAOBÁ.....	43
4.1.1	Experimentando devir - Baobá.....	49
4.2	ENCONTROS COM ABAYOMI.....	57
<b>5</b>	<b>TECENDO UMA ANÁLISE ENTRE TANTAS POSSÍVEIS.....</b>	<b>63</b>
5.1	HABITAR O CORPO NEGRO.....	63
5.2	DOBRAS SOBRE SI MESMO .....	70
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
	APÊNDICE A – ROTEIRO DOS MAPAS CORPORAIS NARRADOS.....	83

## 1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Delineando as diferentes marcas e cicatrizes históricas, sociais, deixadas por um racismo estrutural sinto ainda na pele, marcas de um antepassado cruel e aniquilador. Marcado por muita luta e resistência. Sofrer ofensas cotidianas, devido à cor da pele, ou pela forma como usamos nossos cabelos, é naturalizado por um sistema estrutural e institucionalmente racista. E que perpassa e atravessa meu cotidiano e de muitos outros corpos negros.

Não aceitar nossos próprios traços, querendo apagá-los de qualquer forma torna-se comum, experiências como alisar os cabelos ou prendê-los, ter vergonha de si mesmo, não aceitar o próprio corpo, a baixo autoestima, a falta de referências negras em locais de grande prestígio social, ser perseguida por seguranças em lojas, ser o primeiro suspeito quando algo desaparece, é um dos motivos de tentar encontrar diferentes modos de embranquecer, e atingir o ideal branco que em nós é introjetado.

Marcas, cicatrizes, feridas corpóreas ou psíquicas passam a compor meu próprio corpo e outros corpos negros, constituindo meu modo de ser e existir. Marcado por ofensas até mesmo dentro da universidade, por olhares que atravessam nossos corpos, carregados por rancor, ódio e maldade, cheios de preconceitos e julgamentos.

O corpo negro, este que é dominado, moldado e estruturado pelo sistema, limitando e escondendo-se, corpos que se tornam objeto e produto do Capitalismo. Nos (re) construindo a partir de tudo isso que nos perpassa e rasga nossa alma, passando por diferentes processos de subjetivação, (des) construção de nossa própria imagem corporal e identificação com nossa ancestralidade.

A construção desses corpos, ou melhor, os seus modos de funcionamento são efeitos de vários fatores: da cultura; da genética com seus aspectos ligados à hereditariedade; da vida do sujeito e dos acontecimentos vividos; dos tipos de vínculos estabelecidos ao longo de uma existência e da subjetividade que acompanha, molda e orienta certos modos de funcionamento dos corpos e da vida em determinado tempo/espço, entre tantos outros aspectos. (Lieberman, 2010, p. 450)

Diante de um cotidiano que oprime e nos esmaga, a população negra sofre na pele as consequências de um sistema aniquilador, cruel e doloroso diariamente. De um racismo que perpassa nossas histórias, molda e delinea, controlando nossos corpos.

O Estado é uma entidade política, que surge a partir da vontade e necessidade dos sujeitos. E a partir da troca de seus próprios direitos, promessas de proteção e “realização do bem comum”, surge a necessidade de unificar e concentrar essa relação de forças e poder na mão do Estado.

Para melhor entender o conceito de Estado e poder e como um ambos se atravessam dialogamos com Merendi:

São elementos constitutivos do Estado: o povo, território e poder. É a conjugação deles que torna o Estado dotado de uma força superior que chamamos de soberania. O povo é o primeiro elemento formador do Estado, um conjunto de pessoas que viabilizam sua formação. É a substância principal. O que determina se alguém faz parte ou não de um Estado é o direito, pois ele dirá a unidade étnica daquele povo, sua nacionalidade...

[...] Outro elemento é o território, a base física, geográfica do Estado. Base essa determinada no globo terrestre e que está sob sua jurisdição. [...] Em cada Estado vige tão somente sua ordem jurídica, como prevê o princípio da territorialidade, sendo motivo de guerra outro Estado praticar atos coativos dentro do território nacional, ficando evidente assim, a sua importância na Constituição do Estado. O território não compreende somente a superfície do solo, mas o subsolo até onde seja possível a sua exploração, o espaço acima (espaço aéreo) e mar adentro. [...]

[...]O terceiro e não menos importante elemento de constituição do Estado, o poder, é a expressão dinâmica da ordem política. Esse tipo de poder tem características especiais, que o diferencia de outros grupos sociais pelo fato de ser supremo, dotado de coação irresistível (apud AZAMBUJA 1998, p. 49) em relação aos indivíduos e grupos que formam sua população. O poder do Estado, ou poder soberano, está acima de todos os demais poderes internos e equivalente aos externos. Assim, a constituição do Estado exige a existência de uma sociedade permanente em um território determinado e um governo independente. (Merendi, 2005, p. 1).

Então o Estado tem grande poder a partir das relações que se estabelecem, sobre a vida dos diferentes sujeitos. E esse poder se mostra de diferentes formas em relações de troca, saber, violência, poder de compra, economicamente, socialmente, culturalmente e principalmente onde o poder está concentrado nas mãos de um número pequeno de pessoas e que criam certa soberania sob outra parte da população. Sendo capaz de decidir sobre a vida e morte dos mesmos. Como nos esclarece Almeida (2018, p. 70), “Estado é “relação material de força” ou uma forma específica de exercício do poder e de dominação.”

A violência seja ela física, psíquica, simbólica ou estrutural torna-se a forma mais marcante de poder do Estado. Cotidianamente vemos o encarceramento em massa dessa população, que sofre com a violência física e simbólica diariamente, que convive com uma série de estereótipos envolvendo gênero, raça e classe social. A mulher negra que é estigmatizada e hipersexualizada, aparece nas estatísticas, como também, a que mais sofre estupros e violência doméstica.

A cada 23 min um jovem negro é assassinado, 75% da população mais pobre é negra, 54% da população nacional é negra e ainda é minoria no congresso, nas universidades, na televisão e em espaços de poder e prestígio social. (GARCIA, 2018, p.1)

Visto que a população negra mesmo dentro das universidades ainda tem que lidar com o racismo estrutural e ofensas dentro das classes. Sendo assim, o racismo pode ter três concepções, segundo Batista;

o racismo pode ser definido a partir de três concepções. A individualista, pela qual o racismo se apresenta como uma deficiência patológica, decorrente de preconceitos; institucional, pela qual se conferem privilégios e desvantagens a determinados grupos em razão da raça, normalizando estes atos, por meio do poder e da dominação; e estrutural que, diante do modo “normal” com que o racismo está presente nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racista não extirpem a reprodução da desigualdade racial. (BATISTA, 2018, p. 3)

Além da falta de representatividade dentro do meio acadêmico e nas salas de aula, pois aspectos identitários dessa população ainda são ignorados e não estão presentes nas grades curriculares, mesmo com a Lei 10.639/03 alterada pela Lei 11.645/08 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira africana e indígena em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio<sup>1</sup>. Acolhendo e salientando a importância da Lei que concretiza a obrigatoriedade do ensino e conhecimento da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, mas que ainda assim não acontece, concordamos com Carvalho;

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, os professores exercem importante papel no processo da luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil.

Ciclos como estes de desumanização, produzidos e reproduzidos pelos processos de colonização e neoliberalismo, Mbembe (2014, p.13) nos conceitua neoliberalismos como;

Por neoliberalismo entenda-se uma fase da história da Humanidade dominada pelas indústrias do silício e pelas tecnologias digitais. O neoliberalismo é a época ao longo da qual o tempo (curto) se presta a ser

---

<sup>1</sup> Lei 11.645/08 Diz que:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro. Tendo o capital atingido o seu ponto de fuga máximo, desencadeou-se um movimento de escalada.

Mbembe (2014) diz que o neoliberalismo de forma mais clara é uma quantificação numérica da vida social, a partir de normas, regras, leis e números que organiza e fundamenta o mundo a partir de lógicas empresariais.

Concordando com Boaventura (2003, p. 2) em uma entrevista com a temática Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento, ele nos traz que:

O colonialismo do séc. XVI torna-se muito mais contemporâneo. As atrocidades, as formas de dominação que nesta altura se estabeleceram passam, de repente, a estar muito mais presentes e a serem mais inteligíveis, talvez, do que eram noutra época, em que facilmente tudo se atribuiria, e até se desculparia, invocando o contexto histórico específico em que elas ocorrem. (...) Há uma relação que realmente o processo de globalização que nós hoje estamos a assistir não é efetivamente novo, nas suas versões hegemônicas existe pelo menos desde os séculos XV e XVI e está muito ligado às formas de expansão europeia, nascimento do capitalismo e tem vindo, num crescente de globalização, expandindo-se cada vez mais a mais áreas geográficas do mundo, incorporando cada vez mais gente e sujeitando à lei de mercado e à lei de valor cada vez mais um número maior de atividades, produtos e serviços.

Todos estes processos parecem reforçar os modos de existir em termos de produção e reprodução de violência.

A partir de todo processo histórico do surgimento do capitalismo e, posteriormente, sua reinvenção com a globalização, a predominância e disseminação de ideais e modos de existir dos colonizadores e a negação da pluralidade cultural e por vezes sua criminalização. Como a história e cultura indígena, e a cultura africana, durante o período colonial, foram negadas, e vista como algo ruim, ou até mesmo, fruto de alguma entidade dita demoníaca. Uma racionalidade do Norte, que norteava modos de olhar, de fazer, de agir junto a pessoas, povos e suas expressões culturais, reforçando a violência simbólica, que ainda hoje se mantém.

O racismo e o preconceito estão presentes em ações cotidianas, como quando uma pessoa negra é perseguida pela segurança de uma loja, apenas pela cor da sua pele. O racismo e o preconceito ferem e causam até mesmo o adoecimento físico e cada vez mais, um adoecimento mental dessas pessoas.

Assim sendo como posso viver em um cotidiano que traz como ideal, como corpo objeto e referência, um corpo que é totalmente o oposto da imagem que sou? Se meu corpo ou algum semelhante o qual pode tornar-se minha referência aparece na televisão ou em um espaço representativo é sempre de forma inferiorizada. Ser

negro, identificar-se, enxergar-se como negro tem suas consequências em uma sociedade como a Brasileira.

Interessa-me aprofundar nesta pesquisa como “O mito da democracia racial no Brasil” nos traz que devido à miscigenação, o racismo torna-se inexistente em nosso país. Wedderburn (2007, p. 12) cientista social e pesquisador cubano, nos narra que:

O mito da democracia racial, como o mito do “desenvolvimento separado”, na África do Sul, atuou como mito-ideologias eficazes na manutenção do status quo sócio racial durante praticamente um século. Essa forma de autoengano tem constituído um obstáculo sério ao avanço da sociedade, tanto na África do Sul quanto no Brasil. Mas, graças aos esforços perseverantes de décadas do movimento social negro brasileiro, uma parte crescente da sociedade tem identificado a “democracia racial” como uma perigosa falsa visão. (WEDDERBURN, 2007, p. 12)

O pós abolição vem acompanhado da falta de assistência para população negra, e uma negação de direitos. Como consequência o racismo marginaliza e inferioriza corpos negros, em nosso país, naturalizando-o, banaliza o que foi o Brasil colonial para certos povos como a população negra e a população indígena. Wedderburn (2007, p.12), diz que “O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-o inevitavelmente à sua trivialização e banalização.”

Após a abolição, os negros iram, ocupar um conjunto de posições nas relações de produção e distribuição. Tais posições são diferentes das ocupadas pelos brancos. Existe também uma concentração dos negros em regiões periféricas em relação aos centros dinâmicos do capitalismo. (AGUIAR, 2008, P. 120)

A forma como se organizou a sociedade após este processo, acabou estabelecendo hierarquias a partir de classes sociais, gênero e raça. Os determinantes sociais, segundo Carvalho, 2013, p.13 “são as condições que em que as pessoas nascem, vivem, trabalham e envelhecem”, neste sentido, pensamos naquilo que define as diferentes formas de expressão do processo saúde-doença<sup>2</sup>. A partir da prevalência de uma condição social desigual em relação à população dita branca e da ausência de acesso à direitos, mas também, a expressão plena da cidadania e da diversidade cultural, observam-se a falta de conhecimento e estrutura adequada para o desenvolvimento e socialização da população negra, limitando o

---

<sup>2</sup> os determinantes sociais são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. (BUSS, E FILHO, 2007, p. 78)

acesso dessa população a educação, a saúde, a segurança, alimentação, acesso a pontos de cultura e arte ou até mesmo um local de moradia, e um saneamento básico de qualidade.

Para alguns autores, os quais estudamos no ensino fundamental e médio, o Brasil é uma fusão de 3 elementos, a cultura europeia, a cultura indígena e a escravidão. Mas a partir dessa fusão se constituiu vários estigmas que passam a ser produzidos e reproduzidos diariamente pela população.

AMMA (2008, p. 22) nos traz um trecho que mostra isso claramente;

Desde crianças, aprendemos que o povo brasileiro formou-se a partir da contribuição de três raças-etnias: os indígenas, os europeus e os africanos. Também vivenciamos uma fenomenal miscigenação, a ponto de ser impossível eleger o tipo brasileiro.

(...) Não fosse a história de como essas três etnias se colocaram dentro do país. Os europeus, encarnados em portugueses, chegaram para conquistar, dominar, explorar. Os indígenas, antes os donos da terra, foram exterminados ou expulsos para o interior. Dos séculos XVI ao XIX, os africanos foram trazidos como escravos para servirem no eito, no leito, no leite, na lavoura, na casa, no campo e na cidade.

Tanto indígenas quanto africanos empreenderam uma luta sem fim contra a tirania. Mas apenas no século XX, as histórias de resistências e de vitórias começaram a ser contadas pela história oficial. Foi, também, nas últimas décadas do século XX, que a chamada abolição da escravatura, ocorrida em 1888, começou a ser “problematizada”. Afinal, que abolição foi esta que vem mantendo negros e negras do Brasil nos piores índices de qualidade de vida? Que abolição foi esta que mantém as mulheres negras na base da pirâmide socioeconômica, e os jovens negros em situações vulneráveis?

Assistimos ao desmoronamento de um dos maiores mitos da história do Brasil: a democracia racial.

Parece-nos, que com isso, vários povos, como a população indígena e a população negra são invisibilizados, não tendo espaço para produzir sua existência. Aparecendo, aqui, a expressão na vida cotidiana da racionalidade do Norte, apresentada por Boaventura (2016, p. 18)

(...) as hierarquias do mundo só serão desafiadas quando conhecimentos e experiências do Sul e do Norte puderem ser discutidos a partir de relações horizontais e sem que as narrativas do Sul sejam sempre sujeitas à extenuante posição de reação (a periferia que reage ao centro, o tradicional que reage ao moderno, a alternativa que reage ao cânone). As Epistemologias do Sul existem porque existem Epistemologias do Norte que se arrogam universais.

E também afirma que:

O preconceito colonial constitui a chave para compreendermos a dificuldade que a Europa tem em aprender com o mundo, e reivindica a urgência da ocorrência de aprendizagens globais pós-abissais que permitam a reinvenção do continente. (SANTOS, 2016, p. 19)

Todo o processo histórico, foi sucedendo em uma reprodução da violência simbólica<sup>3</sup>. Segundo Bicalho e Paula, (2009, p. 1):

a violência simbólica é uma violência “invisível”, exercida por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se estabelece em uma relação de subjugação-submissão e que resulta de uma dominação, da qual o dominado é cúmplice, dado o estado tóxico em que a realidade se apresenta.

E a partir disso criando modos de subjetivação, e modos de existir, que se expressam de diferentes formas em diferentes sujeitos. E isso mostra como nós construímos como nação a partir da construção histórica marcada por violência.

A partir da redescoberta de *um* corpo negro, é possível conhecer nossa própria história, e as heranças deixadas por nossos diversos ancestrais, que muito lutaram para que nossas narrativas fossem diferentes. Existimos para além do racismo e rótulos que nos foram colocados. Nossa história é contada a partir da dor e da serventia e isso causa danos ao nosso corpo físico e, principalmente, a nossa psique.

Mas precisamos reconhecer nossos heróis e heroínas, nossos ancestrais foram reis e rainhas, cientistas. O encontro com outras narrativas, com outros mundos compostos por narrativas de pessoas negras faz com que retomamos essas memórias esquecidas e que não são contadas nas escolas. Compartilhamos e conhecemos um novo universo, com um corpo que compreende nossas cicatrizes, mas também nossa resiliência, outro corpo e espaço de resignificação e identificação, de resistência e luta contra um genocídio. Torna-se um meio de troca e também de saúde e qualidade de vida.

A forma como um corpo se apresenta e se coloca no mundo é a sua própria história. E a partir das diferentes experimentações este corpo vai se constituindo

---

<sup>3</sup> Minayo, (2007, p. 32; 33; 36; 37) conceitua os diferentes tipos de violência:

Violência estrutural: diz respeito às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras.

Violência institucional: é aquela que se realiza dentro das instituições, sobretudo por meio de suas regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas, reproduzindo as estruturas sociais injustas.

A violência cultural: é aquela que se expressa por meio de valores, crenças e práticas, de tal modo repetidos e reproduzidos que se tornam naturalizados.

Violência racial Uma das mais cruéis e insidiosas formas de violência cultural é a discriminação por raça. No Brasil, essa manifestação ocorre principalmente contra a pessoa negra e tem origem no período colonial escravocrata. Estudiosos mostram que geralmente a violência racial vem acompanhada pela desigualdade social e econômica: no Brasil, os negros possuem menor escolaridade e menores salários.



como sujeito. E no encontro com o outro vai descobrindo a si mesmo, o outro e outras possibilidades de espaços, de existir, de mundo.

Liberman nos traz o que é o ato de corpar, sendo ele definido como:

ato de corpar, que significa presentificar-se em uma experiência. No entanto, não se trata de “ter consciência” de atos ou estados vividos no corpo como algo que acontece separado de mim - um objeto a ser assistido pelo sujeito/espectador - mas de viver e encarnar o aqui como forma intensa, fruto dos processos excitatórios que acontecem nesse corpo. (LIBERMAN, 2010, p.452)

Este trecho nos faz refletir, sobre as diferentes experiências de corpar que por vezes são negados aos corpos negros, devido aos diversos fatores históricos, sociais, culturais, que estigmatizam e rotulam esses corpos. Como é rotulado a mulher negra o ato de corpar de um ser forte e guerreiro, que tudo suporta. Ou ao homem negro o que tudo suporta, estigmas e ideias cotidianas e que perpassam nossos corpos de forma intensa e inibem nossos processos excitatórios corporais, tornando por vezes nosso próprio corpo uma prisão. Processo este que como possível consequências, um somático adoecimento físico, emocional e psicológico.

Mas para além de dor e adoecimentos, corpos negros corporificar diferentes experiências, sejam ligadas aos seus ancestrais ou encontro em outros corpos negros novos modos de existir ou outras vivências e experiências, concordando com Frave, (2010, p. 118) “O corpo é trabalho vivo, portanto, expressão e cooperação, portanto construção material de mundo e história.”

Sendo assim a partir do encontro com sua ancestralidade e de encontro com outros modos de existir de outros corpos negros o ato de corpar, mecanizado e modelado conforme as regras da sociedade. A potência, vitalidade e trocas dos encontros e com a pluralidade de experiências vividas por um corpo podem ser modificadas, como nos mostra Liberman (2010, p. 456):

Penso que é nos encontros que se expressam e se produzem diferentes graus de abertura, diferentes graus de intensidade; turbulências acontecem, geram-se outros repertórios existenciais que se solidificam. Pequenos eventos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente ao outro, criando realidades.

Corpos negros são carregados de histórias, marcas, lembranças, ancestralidade e um antepassado marcado por muita luta e resistência. Sendo assim justifica-se a necessidade e o desejo de realizar esta pesquisa, buscando pensar os encontros que constituem modos de corporificar-se, existir negro com todos os atravessamentos macro e micropolíticos apresentados ao longo do texto, e outros que

serão discutidos e estudados ao longo da pesquisa. Além de encontrar diferentes modos de (r)existir de outros corpos negros e a riqueza de uma história que por vezes é esquecida. Conhecendo (e se autoconhecendo) um passado deixado por nossos ancestrais.

Esta pesquisa tem como objetivo geral cartografar os processos de subjetivação quando experiências e vivências do campo da produção de cultura criam espaços de encontro entre corpos negros e suas ancestralidades, abrindo potências clínicas, políticas e estéticas. E como objetivos específicos cartografar os diferentes processos de subjetivação de corpos negros quando ocorrem no espaço de produção de cultura trocas a respeito de uma ancestralidade deste povo; identificar os diferentes modos de resistência ao se (re)identificar como um corpo negro a partir de grupos e espaços artísticos e de produção cultural; e observar como se dá o encontro entre corpos negros, e como ocorrem trocas ancestrais e formas de resistência.

## **2 SUBJETIVIDADES, EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS**

Os processos de subjetivação nos atravessam desde o nascimento, até nossos últimos segundos. Eles vão criando, recriando, construindo, reconstruindo, formando, transformando, nosso próprio ser durante todo nosso processo vital, a partir de diversas experiências, sejam elas individuais ou coletivas. Vivemos em um eterno processo de metamorfoses.

“O mar, a experimentação sobre nós mesmos, marca nossa subjetivação e nos permite construir até mesmo um colar de identidades, pois ele é nossa única chance para todas as combinações que nos atravessam.” (NEVES, 2004, p. 6) Formas, forças, diálogos, narrativas, semelhanças, cabelos, corpos, “interferências<sup>4</sup>” que nos fazem sujeitos e corpos, em espaços e formas.

---

<sup>4</sup> Segundo Neves (2004, p. 5);

Interferência é uma relação ou um conjunto de relações de forças que incidem, de maneira casual ou intencional, sobre outra relação ou outro conjunto de relações de forças. Isto quer dizer, nos termos de certas filosofias contemporâneas da diferença, que interferir é estar presente em um jogo de forças e, portanto, em um complexo jogo de poderes, entendendo que poder implica sempre correlações plurais de forças.

Corpos negros passam por esses processos diversas vezes ao longo da vida, para assim compreender-se, enxergar-se, assumir-se e tornar-se negro inconsciente e conscientemente. Como nos traz Guattari e Rolnik (1996, p.16)

[...]O que há é simplesmente uma produção de subjetividade. Não somente uma produção da subjetividade individuada -subjetividade dos indivíduos - mas uma produção de subjetividade social, uma produção da subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo. E mais ainda: uma produção da subjetividade inconsciente.

Navegar e compreender os processos subjetivos e o que são em suas diferentes e constantes mudanças, nos transforma e nos ressignifica em vários momentos da vida. Coletivamente e individualmente, compomos diferentes formas de vida, de ser, de existir. De sujeito pertencente a determinado grupo, determinada cultura, determinado modelo social.

Construímo-nos sujeitos individuais e coletivos a partir de vivências e experiências que nos provocam e convocam a assumirmos tal forma, e que determinam agirmos de tal maneira. A partir da cultura, e de uma pluralidade de comportamentos, vivências, experiências coletivas e processos sociais que nos dizem como ser e corpar. Estigma sociais, construídos a partir da diferenciação do corpo negro, características comuns a um coletivo. Construímos corpos a partir de vivências e experiências ao longo da vida, e afirmamos ou negação nossos corpos e suas memórias corporais a partir de uma visão construída coletivamente. Consequenciais estas que levam a um adoecer físico e psíquico.

“Todo corpo vivo faz necessariamente, ao longo de sua existência, uma série de encontros com outros corpos, e é neles que o ser vivo efetua a sua potência de afetar e ser afetado, ou, poderíamos dizer, de interferir e sofrer interferências.” (Neves, 2004, p. 6). Resistência, formas, violências, pele, marcas, encontros que ressoam e criam outros corpos e modos de vida. Sujeitos, potências, afetos e semelhanças, realidades, vidas e cotidianos... Formas de resistência, encontradas para dar passagem ao existir, símbolos de resistência, diz de um cotidiano.

*“Assembleia geral para retirada de posicionamento dos estudantes em relação ao future-se e a decisão sobre uma greve simbólica ou com paralisação:*

*Em meio a debates, falas e posicionamentos contra o desmonte da universidade. Duas jovens negras presentes, também participantes ativas do movimento negro e também estudantil, entram para fazer sua fala. Estudantes do curso de Artes visuais e de Direito, trazem em sua fala para além do posicionamento contra o que está sendo reivindicado, o recorde e o impacto que estes cortes causaram a população negra, trazendo de forma sucinta e clara a realidade cotidiana vivenciada pela população negra. Ambas*

*com um corpo que se põe na linha de frente e disposto a dialogar com outro, uma voz forte e alta, demonstrando resistência e coragem.*

*Sinto em meu próprio pulsar a vontade de estar ao lado delas de mãos dadas dizendo “Estamos juntas! Também estou aqui”. Sentir-se representada e contemplada pela fala das meninas e juntamente o desejo de querer falar e ser como elas. Vem a reflexão da importância deste encontro, neste espaço, de encontrar nelas uma semelhança e um corpo de muita resistência e representatividade. Mas um corpo também que é estigmatizado, julgado e se vê obrigado a estar ali. Pois, se nenhum corpo negro ocupar aquele espaço, quem falará de nossa própria realidade.” (Diário de campo da pesquisa, setembro de 2019)*

Diferentes corpos, experiências, momentos, nos fazem ser corpos em diferentes formas e existências. A história de nossos antepassados suas memórias, cultura, costumes, tradições, modos de vida e existir, são contados a partir de uma única perspectiva da visão dos colonizadores, ou de historiadores brancos e europeus.

A reflexão sobre como em pleno século XXI após anos de escravidão, o Brasil ser o último país a abolir o sistema escravocrata e, ainda, ser um dos países que mais mata pessoas negras, diz muito de ações cotidianas da rotina de corpos negros. Ao ser perseguido por um segurança em um supermercado, percebemos o quanto o racismo estrutural ainda é dominante e presente no cotidiano, e esse racismo que poucos enxergam é naturalizado. “As relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais.” (Fernandes e Souza, 2016, p. 104)

*o racismo dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira, pois cria fronteiras simbólicas rígidas, estabelecendo binarismo identitários, ou seja, uma identidade do que é “ser negro” contraposta ao que é “ser branco”, baseadas em estereótipos negativos para os primeiros e positivos para os últimos. O racismo é assim uma forma de negação ou de e mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças [...]. (FERNANDES E SOUZA, 2016, p. 106)*

Um fenótipo marcado por uma violência e perseguição, um fenótipo que a partir de um racismo velado é associado com a de um assaltante, de alguém que rouba, ou até mata. Um sujeito que é marginalizado apenas por causa de certas características e determinadas heranças genéticas. A partir de um contexto histórico e social, que levou corpos negros a margem social, e que até os dias de hoje é marcado por diferentes estereótipos e estigmas, cria-se uma imagem e ideia do que é o negro no Brasil. Não encontrar referências e não se identificar com seus semelhantes acaba sendo naturalizado.

(...) pois é da própria potência de sua construção que se constitui o capital fixo. Isto abriria uma possibilidade de autonomia na condução do destino da força vital; no entanto, tal força é desviada a favor da produção de cenários para a acumulação de capital. (Rolnik, 2018, p. 34)

Concordando com a narrativa de Guattari e Rolnik (1996, p. 33):

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em 'suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão, e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.

Em um TED nomeado <sup>5</sup>“O perigo da história única” de 2009, Chimamanda Ngozi Adichie, feminista e escritora Nigeriana, fala sobre os efeitos da história única sobre um povo. Para ela, uma história sempre vai se repetir e da mesma forma e a história de um povo, torna-se apenas aquela história única. Ela ressalta a importância de se sentir representada em uma história, e o quanto isso fortalece a própria identidade, além de encontrar um lugar e espaço de pertencimento a uma cultura e a um local. Colocando-nos em processos de elaboração da nossa própria subjetividade, a partir da semelhança com o outro.

Ao chegar aos Estados Unidos para fazer faculdade, a autora não se entendia como negra, pois, na Nigéria, seu país de origem, todos são negros. Para Chimamanda, ser negro está para além do que apenas a cor da pele, é uma identidade política.

Nossas histórias e, como elas são contadas e compartilhadas, fazem parte dos processos constitutivos da subjetividade individual e coletiva. Um passado de histórias que corpos negros só passam a se conhecer em uma busca pela própria história e ancestralidade.

*“Abayomi procura imagem de uma árvore em revistas, diz que quer falar de raízes e ancestralidade. E assim compor em seu Mapa corporal narrado seu percurso de Tratamento e as relações com as sequelas geradas. Em ambas primeiras sessões dos Mapas corporais narrados tanto com Abayomi, quanto com Baobá eles trazem conexões com suas raízes e ancestralidade, salientando a importância e um significado dessas raízes nos seus processos de subjetivação e para seu reconhecimento enquanto sujeito e corpos negros.” (Diário de campo da pesquisa, 09 de dez. de 2019)*

---

<sup>5</sup> A escrita foi realizada a partir da visualização do vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ&t=318s>>. Acesso em 21 ago de 2019.

Conhecer nossos ancestrais e sua história tem uma grande importância e auxiliam no nosso próprio reconhecimento como corpos negros. E, dizem de sujeitos que encontram a si mesmo e ao outro a partir de uma cultura que foi invisibilizada e negada. Coletivos, sujeitos, formas, objetos, que compõe nossas histórias e nossos antepassados. Atos de coragem, resistência, e também de amor foram passados.

Identificando-se com o que hooks (2010, s/p) traz;

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão.

Um contexto ainda existente, de um afeto e amor que por vezes é rígido e escondido. Herança desse nosso passado, que nos torna mulheres e homens fortes. Corpos fechados, que parecem que não sofrem e tudo aguentam. Corpos prontos para estar na linha de frente das batalhas cotidianas, mas que também endurecem as formas de dar e receber amor. O que pode privar, muitas vezes, sujeitos negros de experiências afetivas e relacionais. hooks (2010) conta que os escravos só conseguiam liberar suas emoções em um espaço protegido, onde se sentissem seguros para assim não levarem punições, também, como uma estratégia de sobrevivência.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem. [...]

E num contexto de pobreza, quando a luta pela sobrevivência se faz necessária, é possível encontrar espaços para amar e brincar, para se expressar criatividade, para se receber carinho e atenção. Aquele tipo de carinho que alimenta corações, mentes e também estômagos. No nosso processo de resistência coletiva é tão importante atender as necessidades emocionais quanto materiais. (hooks, 2010, s/p)

Condições essa que levam corpos negros a ter outra relação com corpo e saúde, memórias corporais ainda existentes, que ainda ecoam na relação saúde-doença. Cuidar de si, ouvir o próprio corpo é ainda difícil. Como chegar em um atendimento médico, e ser atendido por alguém que não compreende e ignora as questões raciais, que também torna-se determinantes de saúde.

Vemos a expressão destes modos de subjetivar em Leão (2017, p.68) mulher preta, poeta e professora como ela mesmo se descreve em seu livro de poesias

*Identidade*

*foi uma mulher negra e escritora  
de pele e alma como a minha  
que me ensinou sobre vulcões e as rédeas e os freios  
sobre os tumultos dentro do peito  
e sobre a importância de ser protagonista  
nunca segundo plano*

*se você encostar a mão entre os seios  
Vai sentir os rastros de nossas ancestrais*

*somos continuidade  
das que vieram antes de nós*

Processos coloniais e escravocratas tornaram a existência de corpos-sujeitos negros, anulada. E, a história e a ancestralidade, excluídas e apagadas, fazendo falta na produção de um saber que constitui os processos de subjetivação. O que possibilitaria tomarmos consciência de si mesmo e estabelecer outras relações com o mundo.

André (2007, p. 160) traz que o marco simbólico e físico da exclusão e da retirada da cultura a qual estavam e pertenciam estes corpos negros “não só seus corpos físicos foram sequestrados, mas também, o corpo das práticas sociais que eram produzidas como indicação do sentir, do pensar e do agir no seu mundo cotidiano”.

Dialogando com Santos e sua visão sobre a colonialidade, concorda-se que:

esta realidade é tão verdadeira hoje como era no período colonial. O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano, de tal forma que princípios de humanidade não são postos em causas por práticas desumanas. As colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece atualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tal como aconteceu no ciclo colonial. Hoje, como então, a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte integrante de princípios e práticas hegemônicas. (SANTOS, 2010, p. 39)

Práticas coloniais, ainda, fazem parte do nosso cotidiano e, estão enraizadas em nossas ações, nosso corpar, existir, em memórias e histórias. Ao assistir o relato de um amigo em uma rede social, sobre como ele estava se sentindo mal, por não conseguir e nem ter como se acostumar com o racismo que nos cerca cotidianamente, observa-se como é compreensível o seu sentimento de tristeza, o choro misturando-se com a raiva. Um corpo perseguido e suspeito, por um pensamento e por um pré-

conceito existente devido a diversos fatores históricos, sociais, econômicos e reais. Que perpassa diversos corpos negros diariamente, e conseqüentemente, compõe os diferentes processos de constituição da subjetividade. Dialogando com Costa e Grosfogel (2016, p. 15);

O “pós” do pós-colonial não significa que os efeitos do domínio colonial foram suspensos no momento em que concluiu o domínio territorial sob uma colônia. Ao contrário, os conflitos de poder e os regimes de poder-saber continuaram e continuam nas chamadas nações pós-coloniais.

. “Somos excitação, tentativas de lidar com a força da gravidade (pressão atmosférica) e com todos os afetos de todos os corpos.” (Lieberman, 2010, p.452). Corpos que dançam, corpos que cantam, corpos que encontram, corpos a margem, corpos vivos, corpos mortos, corpos esquecidos, corpos que são invisibilizados, estigmatizados. Corpos que produzem cultura, corpos marginais, corpos marginalizados, corpos violados.

Corpos negros já nascem como um alvo simbólico, visível aos olhos das estruturas e instituições. E para além de corpos físicos terem sido violados, o seu cotidiano, práticas sociais e culturais foram rompidas e invisibilizadas por séculos.

Fortalecidas pelas atitudes racistas da discriminação pela cor tais caracterizações têm se tornado, historicamente, um fator que pode gerar o auto isolamento, sofrimento psíquico, baixa autoestima, dificultando mais ainda a construção de uma identidade e, portanto, a constituição de subjetividades. (ANDRÉ, 2007, p. 161)

O que é estar à margem, o que é ser marginal, qual é o primeiro sujeito que vem ao imaginário? Ser perseguido pelo segurança do supermercado aponta para um sistema que decide quem é o marginal ou suspeito. “Estar na margem, ela argumenta, é ser parte do todo, mas fora do corpo principal” (KILOMBA, 2019, p. 67). Sem nenhuma política de reparação para a população negra após a abolição da escravatura, condições economicamente bem aceitáveis socialmente, levou corpos negros a classe social mais pobre, pouco lazer oferecido, a poucas vagas de emprego disponíveis e a maioria em cargos subalternos e até mesmo as condições e locais de moradia mais afastadas dos grandes centros urbanos.

O *sujeito negro* torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandido indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos. (KILOMBA, 2019, p.37)



Corpos que cuidam, corpos que correm, corpos que dançam, corpos que vivem, corpos que produzem, corpos artistas, corpos humanos, corpos intelectuais, corpos que existem, corpos negros. Marielle, Chica da Silva, Ághata Felix, Lazáro Ramos, Dona Ivone Lara, Bell Hooks, Djamila Ribeiro, Neusa Santos, Rafael Braga, apenas alguns dos muitos corpos negros e vozes que perpassam e dizem de cotidianos negros. “Três palavras vêm a minha mente: informação, afirmação e corpo. Porque isso passa pelo corpo, um corpo que se sente à vontade em qualquer ambiente e que sente pertencimento onde quer que esteja.” (RAMOS, 2017, p.126)

Práticas culturais como o Samba, a capoeira, os terreiros, a roda, por muito tempo foram estigmatizadas, negadas e marginalizadas, possibilitavam aos sujeitos negros formas de se encontrar e respirar.

Herança do período colonial, de acordo com Silva (2014, p. 266)

Como a Europa era o ponto central da civilização, centro de cultura e conhecimento, abarcamos em nossa cultura, os termos utilizados pela alta cultura europeia, que se estrutura e se mantém a partir do discurso da superioridade colonial.

Auxiliando em nosso dialogo Chaves (2003, p. 13) diz que

[...] aspectos da cultura negra também passaram pelo processo de proibição: a capoeira e o toque dos tambores durante as cerimônias religiosas foram proibidos e submetidos ao controle policial. Consolidando tais repressões, a imprensa e a polícia atuavam como difusoras do bloqueio à liberdade de expressão da cultura africana. Menciona que só em 1938 foi eliminada a proibição ao toque de tambores, a partir movimento de organização dos negros, e a liberdade e culto religioso só foi oficializado em 1976.

Os processos de globalização, as correrias cotidianas e diárias, muitas vezes sem perceber mecanizaram e generalizaram, atos, palavras, territórios, locais e até modos de existência. A narrativa de Martins e Machado (2013, p.39) mostra como a mecanização e rapidez presente no nosso cotidiano influenciam nos nossos processos de subjetivação e constituição como sujeitos individuais, coletivos:

Isto é, estamos em meio a uma profusão de mudanças na subjetividade, sendo difícil encontrar um território onde se ‘aportar’, tamanha a velocidade que se processa os estilos de vida, os gostos, hábitos, etc A desterritorialização excessiva nos leva a um sentimento comum, onde tudo ao nosso redor circula tão rapidamente, tornando-se obsoleto num curto período de tempo, criando a sensação de que tudo circula, quando na realidade tudo está petrificado

Para Milton Santos (2010, p. 584)

(...) a globalização faz também redescobrir a corporeidade o mundo da fluidez, a vertigem da velocidade a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes

revelam, por contrastes, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender.

Neste sentido, pensamos que todas essas linhas de força coloniais e da afirmação de um modo de vida capitalista, que se seguiu com o advento da globalização, atravessam os corpos negros e seus processos de subjetivação. Já que pensamos, construímos nossas ações, sentimos e nos reconstruímos a cada momento, formamos corpo a partir dessas existências. Rolnik (2010, p. 90) traz em sua narrativa que:

(...) pensar consiste em “escutar” os efeitos que as forças da atmosfera ambiente produzem no corpo, as turbulências que nele provocam e a pulsação de mundos larvares que, gerados nessa fecundação, anunciam-se ao saber-do-vivo; “implicam-se” no movimento de desterritorialização que tais gérmens de mundo disparam; e, guiados por essa escuta e implicação, “criar” uma expressão para aquilo que pede passagem, de modo que ganhe um corpo concreto.

Essa pesquisa ganha força a partir dos afetos que atravessam o corpo da estudante pesquisadora. Compreendendo que os processos subjetivos constroem nossos corpos cotidianos, os processos históricos e sociais, heranças ancestrais, narrativas familiares, ambientes vinculares, favorecendo ou não a afirmação e construção de si e do mundo. Para Monsano (2009)

[...] subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. (MONSANO, 2009, p. 111)

A existência de um jogo de forças, reforçado a partir de uma soberania que define corpos descartáveis e corpos não descartáveis interfere, a nosso ver, na elaboração e nos processos de construção e modificação da nossa subjetividade. Exercendo poder sobre a vida e a morte, a partir de relações de poder estabelecidas.

E aí ficam os questionamentos de Liberman (2010, p. 452);

Como não apequenar-se em um corpo contido no enfrentamento de algumas situações da vida? Como potencializar este corpo através dos encontros que possibilitem passo a passo uma maior apropriação de si, como alguém que vai em direção aos mundos na busca de construí-los e desmanchá-los permanentemente à procura de mais potência? Como não ser mais, mas também não ser “menos”, tal como exemplificado nesse caso em particular?

Nos processos de subjetivação atravessados pelo racismo, pela experiência de ser negro nesta sociedade contemporânea observam-se corpos objetos, corpos

manipuláveis e moldáveis, silenciados e controlados. Corpos objetos, dominados pelo Estado e por modos de produção mecanicistas e engessados.

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como “*Outra/ o*” – a diferença contra a qual o *sujeito branco* é medido – mas também como *Outridade*, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade *branca*. (KILOMBA, 2019, p. 78)

“Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros” (Kilomba, 2019, p. 28). Somos por vezes expectadores da nossa própria vida. Na espera pelo protagonismo, que talvez, nunca chegue. Empresas, instituições, locais, que negam formas, negam corpos e a dimensão do ser. Uma imagem que repete cotidianamente. Mas para além disso somos protagonistas dos nossos próprios processos e histórias, afirmamos vida e potência através dos espaços onde podemos fixar raízes e brotar.

Relações de poder estabelecidas nas entranhas dos fazeres diários, introjetadas em nossos corpos em nossos seres. Espaços de expansão, de expressão da cultura de matriz africana, de reconhecer a si próprio e ao outro, experienciando-se nas relações com o mundo, com os outros e com a natureza nos escapam nas horas dedicadas a rotinas endurecidas e pontuais diariamente por vezes sem nos darmos conta. Está a corpos pretos identificar-se entre si, e nas diferentes possibilidades encontrar espaços de respiro e levezas entre os semelhantes. Mas para além da dor existe potencia em nossas existências.

Ramos 2017, p. 95;

Emicida me disse no Espelho, em 2016, que, quando um negro chega a uma posição em que não é a regra ter outras pessoas negras, ele tem que se adequar a um determinado comportamento para continuar ali. Talvez o perverso preço de ocupar certos lugares seja não poder mencionar o quanto esse lugar é difícil de alcançar para pessoas que são iguais a você.

Reticências em um espaço entre viver e ser, moldar-se ou empoderar-se? Experiências vivenciadas ao longo da vida que nos calam. Apresentam-se em pequenos detalhes, como a dificuldade em escrever, ou apresentar um trabalho, ou até mesmo em conversar com o outro.

Seguir ou divergir?. Vidas, corpos, experiências, ancestrais, subjetivação. Modos de vida dominados, espaços tomados, corpos controlados em um espaço tempo onde há chuvas de informações. Desconstruções do eu, bordas e borramentos, de uma história que foi negada, escondida e desmantelada. Territórios de

enunciações e de descobertas, histórias de reis e rainhas e também de grandes cientistas. Navegar por estes territórios e navegar por estes mares é privilégio para poucos.

## 2.1. TECENDO DISPOSITIVO-RAÇA: IMPEDIMENTOS E EXPERIMENTAÇÕES

Buscamos compreender dispositivo como uma relação heterogênea de poder *entre*, é o emaranhado que se cria entre discursos, instituições, leis, medidas administrativas, manifestações científicas, organizações filosóficas, moral, etc. Entre o saber, o poder e os processos de subjetivação. As relações raciais e de raça, envolvem poder- saber, e relações de domínio. “O corpo, neste caso, é o instrumento de representação do poder.” (SILVA, 2014, p. 265)

O colonial ainda é vivenciado, está em nossas relações, nas instituições e na estrutura social. Os dispositivos criam e organizam formas, age como um aparato que constitui sujeitos e os organiza. Tem sua base em 3 dimensões; saber, poder e os processos de subjetivação. Raça e suas variáveis e vertentes, dizem de um dispositivo que estigmatiza. O ‘dispositivo raça’ traz um jogo de forças que implicam em leis, histórias brancas sobre o mundo, ancestralidade e histórias de um povo negro sobre o mundo cor, classe, gênero e as questões emocionais e sociais atreladas a essas, dentre outros.

A relação entre o colonizador e os povos escravizados, é uma relação de domínio e poder. O conceito de raça, exercício na relação poder-saber, é levantado por diferentes cientistas e intelectuais negras/os que, a partir de diferentes visões históricas e sociais foram traçando e encontrando rotas que se cruzam e que nos dão dimensões para seguir.

“Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. (ALMEIDA, 2018, p. 19)” O termo raça dá passagem à existência de uma divisão de raças onde hierarquicamente elas se dividem em superior e inferior. Também introjeta em nós um imaginário social, de negação sobre nosso próprio corpo. De acordo com Lopes (2016, p. 20)

[...]A categoria raça é operacionalizada na sociedade brasileira como um dos ordenamentos da percepção e organização concreto-simbólica da vida social, delimitando a distribuição do poder e a legitimação de hierarquias **apud** (BARROS, 2003; GUIMARÃES, 2002). Tal categoria compõe as representações dos sujeitos sociais e a forma que se relacionam com o mundo vivido [...]

Durante a colonização corpos negros tiveram sua imagem relacionada a corpos “despossuídos de razão e alma”. Relações de poder que constituíram e compõem modos de existir até os dias atuais. Corpos-sujeitos negros são vinculados a termos pejorativos e vivenciam experiências humilhantes, o que os coloca diretamente na linha de frente cotidianamente, sem sequer puder decidir se querem ou não. Cotidianos duros e, por vezes, desumanos devido a um racismo estrutural e institucional, onde a expressão máxima de soberania é exercida sobre esses corpos, onde matar e deixar de viver compõem as fronteiras desse poder (MBEMBE, 2010).

Perpassando pelas narrativas de Kilomba (2019, p. 174);

Esse processo de identificação absoluta- ou essencialismo- no qual uma pessoa é vista meramente como uma “raça” é somente possível porque no racismo nega-se, para *negras* e *negros*, o direito à subjetividade. Kathleen; ela é um “corpo”, ela é uma “raça”, ela é uma “história”. Ela existe nessa triplicidade.

Kilomba (2019, p. 18) traz um pouco da origem e a existência do termo negra/o:

*Black*, em inglês, é um termo que deriva do movimento de conscientização, para se distanciar radicalmente das terminologias coloniais correntes até os anos 1960, como *the Negro* ou *N-word*. Comumente, este termo é escrito com um B maiúsculos, *Black*, para sublinhar o fato de não se trata de uma cor, mas de uma identidade política. A letra maiúscula também tem uma segunda função, a de revelar que este não é um termo atribuído por outros em poder, mas um termo de autodefinição, com uma história de resistência e de luta pela igualdade, afastando-se assim duplamente da nomenclatura colonial.

Os jogos de força e as diferentes formas de discriminação, do racismo, são consequências da reprodução de uma hierarquia sociorracial no país. E causam a exclusão da população negra. Em uma ilusão da inclusão no negro, o adoecimento e sofrimento dessa população ainda é maior. São efeitos da diáspora a sensação de não pertencimento ao ambiente onde se vive. Como nos narra Mbembe (2016, p. 128);

[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder <sup>6</sup>aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado.

Podemos pensar, com isso, que os sujeitos negros seriam marcados e a expressão nesse jogo de forças, atravessados pelo dispositivo raça, vivendo na pele cotidianamente o emaranhado da teia que se forma pelos elementos que o compõem.

---

<sup>6</sup> Segundo Mbembe (2016, pg. 123) Biopoder “é aquele domínio da vida sobre o qual o poder tomou o controle.”

um corpo complexo, é um corpo que compõe diferentes linhas de força e processos de negação, reconhecimentos, autoconhecimento, descobertas, lutos, modos de existir e forças, muitas vezes contrárias ao que o próprio corpo deseja, ou por vezes embates de desejos, de si, de conhecimento e de saberes. Processos internos e externos que dizem de um, ou de muitos. No encontro com Baobá, um dos participantes da pesquisa encontramos a expressão de linhas deste dispositivo.

*Baobá - Primeiro dia de férias, meu pai morreu bem, acabou as férias, eu não tive férias, eu tirei férias sabe, e eu entrei nesse processo de luto e consegui viver esse processo de luto. Mas ele mexeu com um monte de coisa*

*Pesquisadora - Desestrutura né*

*Baobá - Aham, mexeu com muita coisa que já tava ali pra mim muito exato, já deu, já sei como fazer, assim assim e assim. Bom, deu um monte de branco em um monte de coisa, quando eu olhei pra trás já não..., muita coisa não fazia sentido e agora eu nem reconhecia neh. Vou dar fluxo, vou dar fluxo não sei se em linha reta, mas vou da fluxo pra essas coisas. Hã.. ficando mais sensível pra entender que as pessoas que tão do teu lado também tão te oferecendo uma mão, além de uma opinião, um conforto uma porta neh, dentro do lugar onde tu tem de a se colocar se tu não tá num quarto. Digamos, as pessoas tão te colocando uma possibilidade de... de relação neh. E eu vi bastante isso sabe?! E vi de pessoas que tavam na mesma situação que eu. (Transcrição dos encontros do Mapa corporal narrado, novembro de 2019)*

Compor o mundo e habitá-lo, a partir de um corpo transgredido por diversas significações e violações. Um sistema de representações que privam corpos negros de devaneios e sentires. Diferentes situações cotidianas isolam e excluem corpos negros, poder e saber inundam e emergem nas relações estabelecidas, nos espaços de grande prestígio social, nas estruturas e nos espaços de poucas visibilidades, enunciações silenciosas, espaços esvaziados ou com a mínima representação.

O processo de luto diz de um corpo que precisa deixar o luto de lado e retomar a rotina, sem um período de elaboração que é dolorido. Ao trazer a fala do período do luto em relação a morte do seu pai, também fala do apoio e da semelhança entre a situação que uma colega negra também passava com a morte de um ente querido.

*Essa crise de alteridade, que se instaura numa política de estereótipos é própria de um discurso colonizador no qual dissemina-se por meio de imagens, pinturas, jornais, propagandas, mapas e livros todo um sistema de representação, que cristalizando-se, forma a cartografia da diferença. Falando sobre a obscenidade que há por trás da estética e o discurso figurativo tentam mascarar, a natureza crua dos procedimentos de violação do outro [...]. (LIMA, 2017, p. 26)*

A estigmatização do corpo negro, aquele corpo forte, aquele que tudo aguenta e se mantém em pé, que ouve e sofre tudo, e é obrigação se manter em pé

independente do que está enfrentando, lembra-me a fala de uma das cenas de uma novela ( Amor de mãe), que foi compartilhada por diversas pessoas em todas as redes sociais:

“O problema é esse. Eu vou sempre ter que ser forte? Sempre? Eu tenho que ser forte porque a gente é pobre e eu quero estudar. Eu tenho que ser forte porque sou mulher e pra mulher tudo é mais difícil. Tem que aguentar sempre um babaca olhando pro meu peito ao invés de prestar atenção no que eu tenho a dizer. Eu tenho que ser forte porque eu sou preta e a gente vive num país racista. Eu tenho que ser forte porque eu sou professora, porque eu tentei ajudar meus alunos e levei um tiro. Eu tô cansada mãe! Eu tô cansada de ser forte, mãe. Eu não vou poder ser fraca nenhum dia?” (mulher negra, personagem da cena)<sup>7</sup>

A fala da personagem e o a questão levantada por Baobá envolvem diversas questões que estão relacionadas com o cotidiano de sujeitos negros. Percebe-se claramente a estigmatização que estes corpos sofrem e as violações psíquicas e corporais, que podem ocasionar adoecimentos. Em diálogo com Silva (2014, p.266);

Os regimes discursivos do colonizador proporcionando ausências referenciais na formação identitária dos povos, onde estas referências aos seus atributos culturais e corporais são difundidos somente por aspectos negativos ou sobrecarregados por exotismo.

Um corpo que não se permite elaborar suas dores, e não dá vazão a diversos sentimentos. Que encontra dificuldades em expressar seus próprios sentires. Inclusive em relações amorosas, corpos explorados, invadidos, linhas coloniais do dispositivo raça, que estão em jogo, a história familiar e social de cada um, além de outros atravessamentos.

A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas. Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento “seguro” quando seria possível expressa os seus sentimentos. (hooks, 2010, s/p)

Forma esta que diz de um corpo que cuida de saúde de outra forma,

---

<sup>7</sup> A cena é uma mulher negra após ser vítima de uma bala perdida, de uma troca de tiros entre os ditos “marginais” e a polícia, dentro da escola na periferia, enquanto pendurava o cartaz que alertava ser uma escola. Já no hospital após descobrir que estava grávida, assustada e, em conversa com sua mãe, a mesma dizer que era necessário que ela fosse forte, e assim ela responde a mãe chorando.

*perceber que a minha genética, a minha raiz entende me deu algo bom, algo muito bom, sabe, de perceber que eu pouco adoço, e tem um tanto de doenças que, que... a minha genética não, não... traz e reconhecer que tem um tanto que é da minha genética de doenças e isso também já me fez fazer exames mais periódicos. ( 1º encontro Mapa corporal narrado, Baobá)*

Corpos que por muito tempo foram comprados, objetificações, e que eram punidos caso demonstrassem seus sentimentos. Privados da dor, do amor, da alegria, da brisa, do lazer... Que podem ter a ausência da experiência de amar, estar e compartilhar com o outro. Marcamos aqui, como esse dispositivo-raça produz uma dessensibilização, uma naturalização de comportamentos expressa nos corpos-sujeitos negros e nas relações entre sujeitos negros e brancos.

Entre corpos negros, há uma grande união, mas o contato físico é limitado, desajeitado e pouco trocado. O abraço em ocasiões especiais, palavras de afeto são ditas na individualidade, sentimentos mais calados e guardados.

*Ando pela universidade, observo os sujeitos que passam por mim. Maior parte são sujeitos brancos, próximo a biblioteca, a visto de longe uma mulher negra, percebo que não a conheço. Quando passamos uma ao lado da outra, abrimos um sorriso, mesmo sem nos conhecermos. Mais distante passo por um homem negro, também não o conheço, também nos cumprimentamos silenciosamente com um sorriso. Reflito que isso acontece toda vez que encontro outro corpo negro, me identifico e nos acolhemos (Diário de campo da Pesquisadora, agosto de 2019).*

Para além de um sorriso, nos acolhemos e nos identificamos, em um espaço embranquecido, não há muitos que compreendem nossas marcas, memórias e dores. Mas pequeno gesto, por vezes automático, que nos conforta, e nos diz que nosso lugar também é ali. E que concretiza a frase “não estamos sozinhos”. Mas mesmo com quem são próximos as demonstrações de afeto são ligeiras, só quando nos sentimos seguros ao lado do outro.

Reorganizar-se, reconstituir-se, para poder caber em si e no mundo. Encontrar-se, ver-se e enunciar-se como protagonista de sua própria história. Cotidianos e fazeres dominados pelo modo de existência do outro. Processos. Ir e vir. Silenciar e gritar. Corpos alvejados, 80 tiros, corpos baleados, calados, escondidos, excluídos. Liberdade e paz, talvez para corpos negros sejam apenas utopia, poucas as vezes que as correntes do racismo são inexistentes. Paz quando ela chegará para corpos negros? Infinita é a guerra com o mundo e com nós mesmos. Cabe no encontro com outro corpo negro o reconhecimento de nossos ancestrais alguns minutos para sentir o gostinho da tão falada liberdade e a tão sonhada paz. Como resistir? Quais são as



formas de resistência? Que se inventa com esse mundo no sentido da afirmação da vida?

Linhas de fazeres que levam a diversos caminhos, o peso do mundo em um corpo calejado pelas macros e micro violências cotidianas. Poder e pedestal aos grandes chefes de Estado. Ascensão e prestígio a corpos brancos. É cobrado de nós sejamos fortes, e mantenhamos o sorriso no rosto. Corpos negros objetificados, maltratados, sufocados, violentados, invadidos. E ao encontro com trechos do poema de Ryane Leão, vamos desenhando o mapa deste trabalho;

eu vou ser sincera  
 eu quero sempre ser sincera  
 contigo e comigo  
 eu tô um bagaço  
 olheira, boca seca, falta de apetite  
 eu ando cansada demais  
 minhas costas doem muito  
 às vezes tenho a sensação  
 que perdi mesmo a cabeça  
 mas os dias continuam  
 e eu vou dando um jeito  
 de ir com eles  
 você percebe que chamam a gente  
 de forte o tempo todo  
 mas esquecem que somos  
 carne e osso?  
 [...]  
 não se iluda  
 hoje eu não vou pra frente da luta  
 nem precisa me chamar  
 eu não desisti não  
 só tenho que me restaurar  
 [...]  
 (LEÃO, 2019, p. 17 e 18)

## 2.2 HABITAR CORPO, DIFERENÇAS, CULTURA E RESISTIR

Habitar espaços de encontro com outros corpos negros parece fortalecer nossa existência, além do sentimento de pertencimento, por meio das trocas e do reconhecimento de si e do outro. Este encontro torna-se cura. Territórios, corpos e cultura que por muito tempo foi negado, invisibilizado e criminalizado.

Capoeira, rodas de samba, o terreiro, o quilombo, as giras, espaços de emoções e encontros. Redescoberta de si e do outro. De um corpo que também existe, espaço de resistência e sobrevivência. De muitas histórias, rituais, mitos e preservação de uma cultura apagada. Santos (2010, p. 591)

[...] em nossos dias a cultura popular deixa de estar cantonada numa geografia restritiva e encontra um palco multitudinário, graças às grandes arenas, como os enormes estádios e as vastas casas de espetáculo e de diversão e graças ao efeito ubiquitários trazidos por uma aparelhagem tecnocrônica multiplicadora.

A cultura em nosso cotidiano ocupa um espaço importante, lugar político e estético. A cultura tornou-se mercadoria e adquiriu valor de troca. Almeida (2018, p. 57);

Ao invés de destruir a cultura é mais inteligente determinar qual o seu valor e seu significado.

Para Fanon, neste estágio “o rigor do sistema torna supérflua a afirmação cotidiana de uma superioridade”, o que Fanon chama de rigor, pode ser entendido como a capacidade do sistema econômico e político absorver de modo cada vez mais eficientes os conflitos, inclusive os raciais. Mesmo que possam ser consideradas perigosas, pois oferecem possibilidades contestadoras de leitura de mundo e de ordem social vigente, as culturas negra ou indígena, por exemplo, não precisam ser eliminadas, desde que seja possível trata-las como “exóticas”. O exotismo confere, valor à cultura, cujas manifestações serão integradas ao sistema na forma de *mercadoria*.

Segundo Arlindo e Afreaka (2015, p. 1) cultura é: “tudo aquilo que resulta da criação humana, ideias, costumes, leis, crenças e conhecimentos adquiridos a partir do convívio social. Não existe cultura superior ou inferior, melhor e pior e sim culturas distintas.” Mas a partir de mudanças do contexto histórico e social a cultura torna-se uma moeda troca<sup>8</sup> a partir das relações de domínio e poder, além de classificar símbolos, modos, cores e formas. Acabando assim em classificar também corpos. O que influencia modos de pensar e agir. Com fácil acesso a mídia e a internet, corpos consomem e são influenciados pela mesma, e criam formas, a partir do que ela anuncia. Poucos espaços ainda fomentam o debate e o pensamento crítico e a reflexão sobre as diversas formas apresentadas.

A cultura negra por muito tempo já foi marginalizada, apagada e negada. Nas senzalas, pouca ou nenhuma liberdade tinha para assim mantê-la. O corpo constrói-se a partir das nossas relações com o mundo, com o outro e conosco, formas visíveis e físicas nos classificam, e expressam nos corpos suas forças. A diferença física e visível nos leva a compreender as diferentes formas de opressão e exclusão.

---

<sup>8</sup> Segundo Guattari e Rolnik (1996, p. 20); “A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, mas é também uma maneira de as elites capitalistas exporem o que eu chamaria de um mercado geral de poder.

Não apenas poder sobre os objetos culturais, ou sobre as possibilidades de manipulá-los e criar algo, mas também poder de atribuir a si os objetos culturais como signo distintivo na relação social com os outros. O sentido que uma banalidade pode tomar, por exemplo, no campo da literatura varia de acordo com o destinatário.”

Dialogando com Milton Santos (2010, p. 584-585), compreendemos a origem das formas como se dão nossas relações e a corporeidade e a expansão da cultura no mundo:

Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes revelam, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender.

A cultura passou por diversas ressignificações desde o período das navegações e até hoje sofre a grande influência da globalização, mudando e transformando-se a cada novidade. Segundo Silva (2014, p. 271);

Estas características físicas em si não são capazes de caracterizar um grupo de pessoas ou determinadas culturas como diz Hall (2013, p.01), mas com relação à população negra torna-se sinônimo de ancestralidade e preconceito. Os discursos discriminatórios sobre o corpo negro, foram criados justamente a partir destas características físicas e, por isso, raciais, sendo ainda relacionados aos comportamentos e atitudes corporais.

Na cultura africana o ser humano é parte integrante do universo, a partir de uma relação profunda com a natureza e, essa relação, se dá e se estabelece a partir de ritos e rituais específicos da cultura. Ser humano, natureza e universo estão interligados, como uma teia de aranha, uma rede. Onde tudo se conecta.

Ao assistir a Cena<sup>9</sup> de desmontagem de Flávio, ele trouxe em uma de suas falas o quanto a nossa relação com a natureza é negada e transformada, possuindo outros fins. E por vezes nem temos um contato direto com a natureza. Segundo Mbembe negar a natureza e transformá-la para outros fins, reduzindo-a a suas próprias necessidades, é uma forma de mortificação.

Pertinente a um projeto como esse é a discussão de Hegel da relação entre a morte e o “tornar-se sujeito”. A concepção da morte, para Hegel, está centrada em um conceito bipartido de negatividade. Primeiro, o ser humano nega a natureza (negação exteriorizada no seu esforço para reduzir a natureza a suas próprias necessidades); e, em segundo lugar, ele ou ela transforma o elemento negado por meio de trabalho e luta. Ao transformar a natureza, o ser humano cria um mundo; mas no processo, ele ou ela fica exposto(a) a sua própria negatividade. Sob o paradigma hegeliano, a morte humana é essencialmente voluntária. É o resultado de riscos conscientemente assumidos pelo sujeito. De acordo com Hegel, nesses riscos o “animal” que constitui o ser natural do indivíduo é derrotado. (MBEMBE,2016, p.125)

---

<sup>9</sup> Cena de desmontagem cênica realizada pelo professor Drº Flávio Campos do curso de Dança Bacharelado, no V Seminário/Laboratório de criação: Reinvenção e criação.

A cena consiste em uma desmontagem cênica do “Diabo” de Flávio, o cenário é semelhante a um terreiro, mas saliente que não é a imitação do mesmo, pois para ser um terreiro envolve diversas outras questões. Um círculo desenhado no chão, uma cruz grande, um pequeno altar, e diversos objetos e acessórios utilizados em cena. Flávio traz um personagem vivo, forte e grandioso, e ao longo do processo vai mostrando como o “Diabo” se constituiu e como foi criando forma e surgindo, e como a sua própria história foi constituindo atravessada e deu corpo e forças ao personagem. E a cada movimento do processo, simultaneamente vai mostrando como constituiu e surgiu cada movimento e sua origem, e a relação disso com a sua existência, sua história, a relação consigo e com os outros e também com a natureza.

A performance de Flávio, traz consigo a forte concretização da negação de uma natureza ao se apropriar dela apenas para fins necessários. Onde rompemos com essa relação homem e natureza. “Um dos fundamentos da arte de viver do Africano é a “participação” ou a comunhão profunda com a Natureza” (DOMINGOS, 2011, p. 2).

Desintegrar-se da natureza leva a um estado de morte, de uma relação negada e onde o ser desliga-se do universo, individualizando-se e isolando-se em uma relação superficial e, quase, inexistente.

“O mundo ganha sentido por ser esse objeto *comum*, alcançando através das relações de reciprocidade, que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (SANTOS, 2010, p. 587). Trocas recíprocas com o universo, tecer vínculos com o universo e com os elementos naturais. Fazem parte de uma relação eu-mundo, horizontal e recíproca.

Para os Africanos, Bantos em particular, a vida não existe para ser transformada em solução, mas para ser vivida intensamente no presente, fora de todo o contexto do “pecado original”. O trabalho, o amor, a dança, os mortos-vivos, a palavra (o sopro dos ancestrais) são mensagens que o *munthu*, o homem africano banto atribui a ele mesmo, no tempo e espaço, para ser, estar e viver, apreciando, usufruindo subjetivamente e objetivamente a totalidade do Universo. (DOMINGOS, 2011, p. 5)

Baobá narra suas perdas, e do encontro com o acaso, um passarinho começa a cantar, nos perguntamos será esse um sinal de nossos ancestrais, para nos cantarolar que este é o processo natural da vida e que para se tornar história e ficar assim os ensinamentos, apesar de todo amor por nossos ancestrais, é necessário que eles voem e deixem pros mais novos “ninhos”.

Cultivar nossas raízes, para assim, criarmos ninhos pelo mundo e habitarmos também as copas das árvores. Voar e cantar aos quatro ventos o som da liberdade, fugir da gaiola do poder-saber, e do domínio dos “grandes”.

Conexão com a natureza, dialogo com nossos ancestrais, espaços de criação e potência, corpos que produzem modos de vida e arte. Espaços de existência, experiências. Afetam e são afetados, perpassando histórias e dão formas a corpos e relações. (Re) apropriar-se de si, do outro e do mundo. Maneiras diversas, e que dizem de nossos próprios processos de subjetivação.

Modos de subjetivação que se fazem corpo, que dizem de um cotidiano, de uma existência, e de processos e elaborações subjetivas e próprias de uma ancestralidade. Perpassando pela narrativa de Ramos (2017, p.146)

“Me vejo um pedaço de cada experiência vivida e nas ausências. O que não dá para explicar facilmente com frases sucintas ou pensamentos retos. Tudo é circular, como na cultura africana. Circular como a roda da capoeira ou a roda onde se escutam os griôs. E que bom que é assim”.

Dançar e compartilhar momentos com outros sujeitos negros, a partir da própria ancestralidade pode permitir encontrar espaços de resistência e respiro, desmanchamentos e composições de forças. Formas de lidar com um cotidiano duro e opressor.

Colocar-se a dançar é por em movimento todas as linhas e forças, relações de domínio e poder que atravessam estes corpos. Encontrar espaços dentro si e do próprio corpo, mover-se é falar e gritar a partir de movimentos. Romper formas estabelecidas e corpos enrijecidos. Dançar é movimentar tudo que nos move, dar vida a expressões existências nossas. Tornar a vida dançante a partir do pulsar do movimento, sentir o corpo pular a cada nota musical ou a cada silencio.

Em um processo mútuo de afetação, eles inventam maneiras criativas para não ficarem doentes, por meio de uma produção que altera o tempo e o espaço na passagem do invisível (sensações) para o visível e o audível (expressões corporais), características das máquinas de guerra. (SANTOS, 2009, p. 71)

É encontrar na arte outras linguagens, que lhe dão passagem para existir, lhe afirmar vida. Meio de fuga e encontros e reencontro, dar forma a si próprio e ao mundo, habitar espaços e fazer ver corpos silenciados e invisibilizados. Como fazer corpo, marcado pela violência, tornar-se potência? Afirmar vida a partir de habitar outros modos de existir e fazer dela sua enunciação, é no corpo, é a diferença corporal e física que marca os discursos racistas e discriminatórios. E a partir desde próprio

corpo que a arte cria vida e vai contra todas as correntes e opressões, fazendo com que corpos negros possam compartilhar suas diversas e diferentes formas de existir.

### 3. METODOLOGIA

Para a construção desta pesquisa com enfoque qualitativo, já que “como pesquisador entendo que a compreensão dos fatos se dá com sua conduta participante; será fruto de sua participação e interação com os sujeitos da pesquisa” (Lakatos, e Marconi, 2017, p. 295). Busca-se uma pesquisa que

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (LAKATOS; MARCONI, 2015, p. 302)

Neste sentido, a cartografia, caminho metodológico escolhido, permitiu seguir os caminhos, processos e rotas que a população negra percorre e traça para construção da sua subjetividade e para reconhecer-se como negro.

Como nos mostra Liberman e Lima (2015, p. 183):

A cartografia implicaria, então, disposição para afirmar uma potência da própria vida. Quem se lança a essa aventura é convidado a conectar-se com o pulsar da vida em seu corpo e com caminhos para os quais esse pulsar aponta.(...) A violência vivida no encontro entre um corpo e outros desestabiliza-o, colocando a exigência de invenção de algo que venha a dar sentido e corporificar essa marca: um novo corpo, outro modo de sentir, pensar, um objeto estético ou conceitual. (Liberman, 2015, p. 183)

A partir da cartografia traçamos um percurso da experiência vivenciada e de rotas corpóreas e psíquicas deixadas na pele, e de caminhos obscuros, mas também de belezas, resistência, e de muita transformação, (des)construção, encontro consigo e muita história de um corpo que passa por diferentes processos ao longo de suas trajetórias. Como nos traz Rolnik (1989, p. 1), “a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem.”

E assim foi, para traçarmos os diferentes percursos, diferenças e semelhanças, vividas por sujeitos - corpos negros em suas relações com a arte e a cultura de matriz africana, que nos utilizamos da confecção de Mapas corporais Narrados. Tornando este uma ferramenta para a construção cartográfica.

“A pesquisa faz-se assim como cartografia do meio em que o pesquisado está mergulhado na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações ali produzidas.” (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183) A partir dos trajetos e afetos vividos, outros desenhos para a pesquisa vão surgindo promovendo diferentes relações. Destas, observa-se um universo de forças intensas que perpassam, constroem e delineiam corpos negros cotidianamente em suas durezas e levezas. Problematizando o dispositivo-raça.

Cabe ressaltar que mapas corporais são “imagens do corpo humano em tamanho real criados através de desenho, pintura, ou outras técnicas baseadas nas artes gráficas para representar visualmente aspectos da vida das pessoas, seus corpos, e do mundo que vivem.” (GASTALDO; MAGALHÕES; CARRASCO, 2013, p. 88). Os mapas foram utilizados como recursos nas conversas individuais, facilitando a apropriação de si, de sua trajetória no corpo.

Os mapas foram realizados com dois sujeitos, que se encaixavam no perfil conforme os critérios de inclusão e exclusão, definidos no projeto. Sendo os seguintes ser negro/ a autodeclarar-se e identificar-se como negro. Ser maior de 18 anos de ambos os gêneros, mas que já tenham participado/ participem de grupos de produção cultural ou de espaços onde o trabalho com temáticas relacionadas a cultura negra predominem. E que concordarem com a pesquisa e assinarem o Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Como critérios de exclusão não poderiam participar pessoas que não passaram por processos de subjetivação, racismo ou preconceitos consequentes do dispositivo raça. E também pessoas que não se autodeclararam e nem se identificam como corpos negros. E também as pessoas que não assinarem o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. Dessa forma ambos os sujeitos concordaram com os objetivos e com a temática da pesquisa aceitando participar. Assim assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Além de utilizarmos também como estratégia metodológica a leitura e análise de artigos e livros, que contribuíssem com a temática pesquisada. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Instituição, pelo parecer consubstancial do CEP de número 3.544.472.

### 3.1 – CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA

### 3.1.1. Os sujeitos que me acompanharam/acompanhei neste percurso

Baobá<sup>10</sup>, homem negro, profissional do campo da dança, que trabalha com questões raciais e em seus processos de subjetivação perpassou por diferentes questões raciais. Com Baobá foi possível realizar o primeiro encontro para conhecer sua história e também os 4 encontros para a produção dos mapas corporais narrados.

Abayomi, mulher negra, estudante da área da saúde, integrante do coletivo negro, e faz parte da produção cultural da cidade para a população negra. Com Abayomi, foi possível realizar um encontro para conhecer sua história e apresentar a proposta, e foi possível realizar dois encontros na produção dos mapas corporais narrados, devido a pandemia e a necessidade do isolamento social. Com isso e a dificuldade do trabalho remoto, não foi possível concluir.

A construção dos Mapas corporais narrados se deu a partir do Mapeamento de sujeitos que tivessem relação com a pesquisa, sendo a primeira etapa realizada. A construção dos Mapas corporais narrados ocorreu com os dois sujeitos, duas pessoas negras, que chamaremos de Baobá e Abayomi que participam de espaços de produção de cultura na forma de instrutores ou de aprendizes, para assim observar as influências deste espaço na constituição da sua subjetividade.

A produção de Mapas Corporais Narrados aconteceria em quatro encontros individuais, seguindo as etapas necessárias para sua construção, elaboração e finalização. Entretanto, devido às dificuldades com horários, dias e situações pessoais, com Baobá foram quatro encontros e com Abayomi foram dois encontros. O processo foi interrompido devido ao isolamento social, como proteção a pandemia de COVID-19. Os encontros foram gravados, fotografados e registrados no diário de campo da pesquisa.

Os sujeitos chegaram à pesquisa pela circulação da pesquisadora por diferentes espaços e um convite pessoal para participar. Na primeira conversa foi apresentado o projeto, no que cada um contribuiria, apresentado e assinado o TCLE.

### 3.1.2 Baobá e Abayomi

---

<sup>10</sup> Baobá e Abayomi foram nomes surgidos no decorrer da cartografia que exprimem o encontro com esses sujeitos. Cada um se deu um nome na feitura dos mapas corporais narrados também, mas optou-se pelos que surgiram depois, pela sua força expressiva em dizer do que emergiu *entre* pesquisador e sujeito, dizer do encontro. Baobá e Abayomi são palavras de origem africana, Baobá significa “Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.” (SAGATIBA, 2015, s/p). Abayomi tem origem iorubá, grupo étnico existente até hoje na Nigéria. “Abay” significa encontro e “Omi” significa preciosa.



Os sujeitos dessa pesquisa serão apresentados durante a análise de cada processo individual, assim como seus nomes fictícios dizem muito de si, o processo de cada um nos conta quem são tais sujeitos, preservando suas identidades. As narrativas apresentadas surgiram do encontro com cada um e dos efeitos deste no corpo da pesquisadora, não exprimem uma verdade acerca deles, mas um encontro singular.

### **3.1.3 Visitas aos espaços de cultura de matriz africana**

Fazia parte dos desejos da pesquisa, visitar a dois espaços de cultura que fomentem expressões de matriz africana, para observar as relações dos sujeitos negros entre si e com aquele espaço. Houveram muitas dificuldades no agendamento das visitas, na disponibilidade das pessoas em receber a pesquisadora e alguns desencontros e, muitas vezes, a dificuldade no contato com os responsáveis pelo local, assim, não foi possível realizar este procedimento conforme o cronograma. O que se agravou com a pandemia mundial de COVID-19 tornando necessário interromper ações presenciais.

### **3.1.4 – Encontro grupal – constituição da análise e a implicação do pesquisador.**

Devido a compreensão de certos processos que se fazem importante para corpos negros e de algumas descobertas encontradas durante o processo da pesquisa, decidimos que contribuiria mais com a pesquisa ao invés de trabalharmos com cenas-problemas, trabalharmos com palavras que foram marcantes e apareceram nos processos dos dois sujeitos participantes da pesquisa. Sendo assim o grupo de discussão seria a partir de palavras que surgiram nos encontros dos Mapas corporais narrados. Em decorrência da pandemia e das dificuldades encontradas na gestão da vida cotidiana tanto da pesquisadora, da orientadora quanto dos sujeitos que viriam a participar, esse procedimento também não foi possível de ser realizado.

Compreendeu-se, no decorrer do processo, que a pandemia deu a ver outros acontecimentos que afetam cotidianamente a vida dos sujeitos negros no Brasil e fora dele, o que produziu novas interferências no caminho da pesquisa. Tomou-se tais situações como parte dos afetos da pesquisa, bem como, buscou-se aprofundar na análise dos encontros vividos com a realização dos mapas corporais. A cartografia expressa o caminho percorrido até aqui.

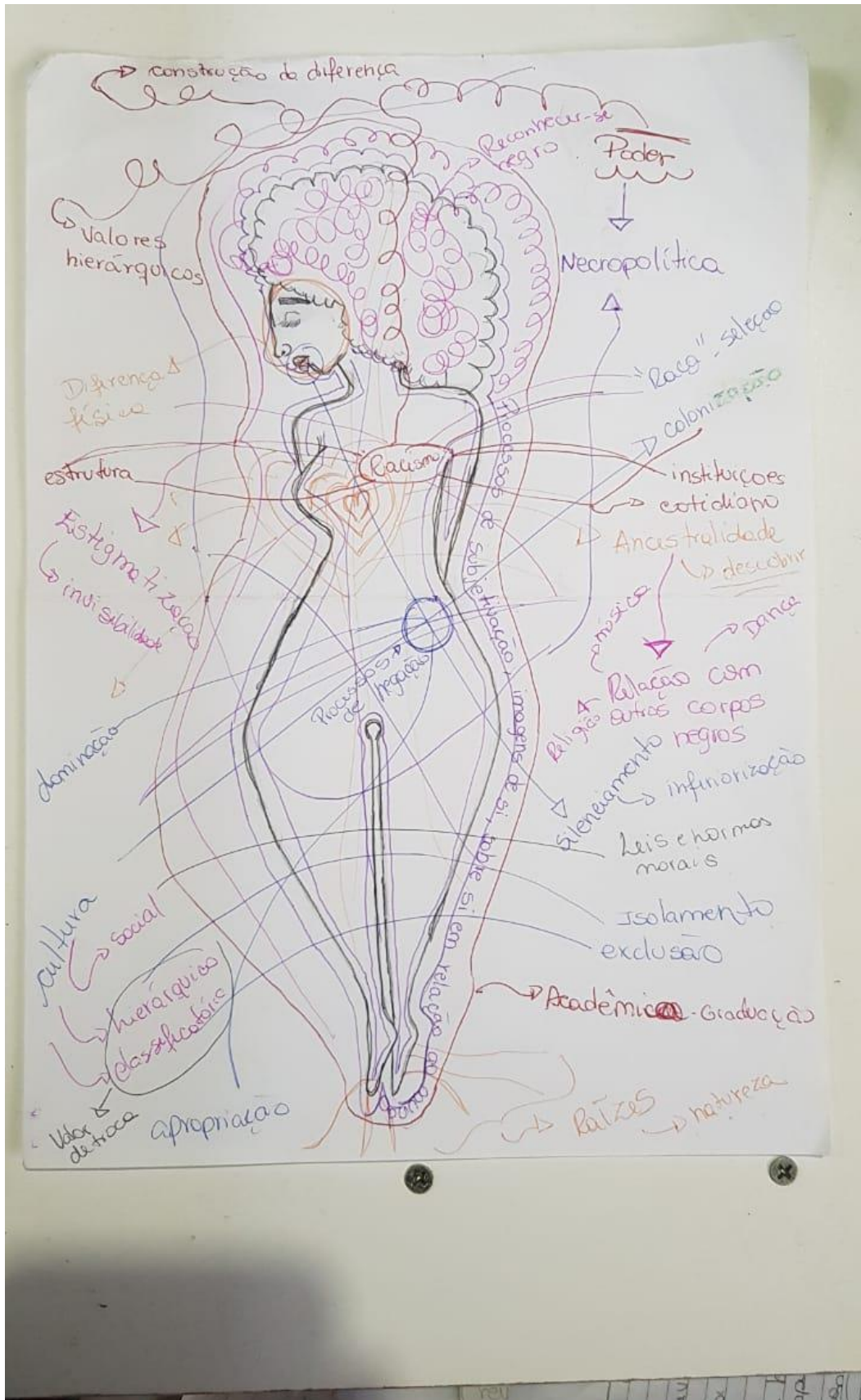


Figura 1- Linhas que surgem

## 4. CAPITULO 1: ENCONTROS E A CONSTITUIÇÃO DOS MAPAS CORPORAIS NARRADOS

### 4.1 O ENCONTRO COM BAOBÁ

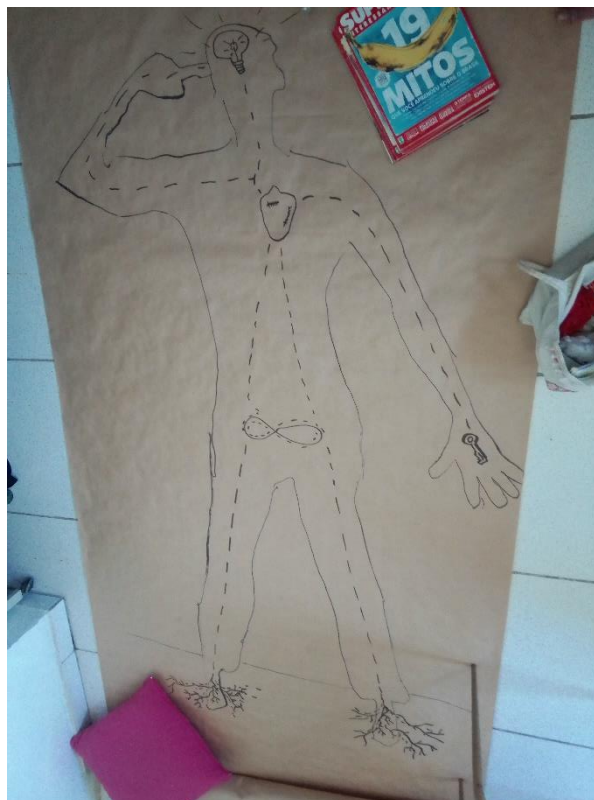


Figura 2- Linhas que dão borda (1º encontro Mapa corporal narrado, Baobá)

Linhas, retas, curvas, formas, fronteira. Delimitam espaços, cidades, estados e países, linhas reais ou imaginárias, limites, contornos que também fazem corpo com diferentes processos vivenciados, corpo que dança, corpo que performa, corpo que diz, que se faz presente, que é vivo e visto, corpo negro, corpo também violado e calejado, com muitas marcas e cicatrizes que contam de um percurso. Conhecimento, crescimento e experiências individuais e compartilhadas. Um corpo negro, um corpo que passou por diferentes processos de subjetivação para chegar a tal expressão de si, processo esse contínuo que se faz e se desfaz, que se presentificam na própria pele.

Território de existência e de vida pulsando, conviver com os seus, corpo casa herança ancestral, corpos negros, espaços e possibilidades. Um encontrar em seu próprio corpo potência para existir, corpar e pulsar. Resistir, como fazer seu próprio território de existência forte. Na história deste sujeito criou-se formas de existir que

acolhem, fornecem apoio, procuram raízes, troncos, galhos, folhas, flores e frutos, metáforas para se dizer.

*[...] ela sempre me incentivou sempre me disse que minha cor é bonita e sempre me deu auto estima para mim, para meus irmãos. Porque nas escolas que nós fomos estudar, além da família nós era éramos os únicos negros, nós éramos minorias nós éramos único negro ou negra na turma, eu e minha irmã gêmea né. E a gente começou a se deparar mesmo, a entender o que que era essa diferença[...]. ( 1º encontro, fala de Baobá)*

Muitas foram as experiências com os estigmas construídos socialmente, dores e feridas abertas na história dele e de muitos que nunca foram cuidadas histórica, social, política e economicamente. Bem como vivências de organizações hierárquicas de inferiorização e desumanização, que tiram dos corpos negros a possibilidade de existir.

*eu comecei a estudar danças urbanas especificamente a teoria e prática porque a gente conhecia sempre como danças periféricas né uma dança dos maloqueiros, a dança dos marginais. Porque usava roupa larga, usavam bonés a maioria era preto que dançava. Era raro na época se ver pessoas brancas dançando e era muito hostilizada. As pessoas achavam que era uma coisa agressiva e só tinha pessoas violentas dançando, mas quem tá ali dentro a gente sabe que não é isso. Comecei a estudar a teoria mesmo para entender porque as pessoas me questionavam e eu não sabia responder. Então eu comecei a procurar a teoria mesmo entender por dentro para poder me colocar no lugar de fala porque até ali é só sabia dançar mesmo não sabia gesticular a fala (1º encontro, fala de Baobá)*

Perceber a diferença e a partir do olhar do outro nos coloca a construir diferentes imagens desde a infância sobre nós mesmos, como afirma Silva ( 2014, pg. 265);

O processo de conscientização da diferença ocorre ainda na infância, quando a criança descobre o seu corpo, construindo seu esquema corporal e com a ajuda dos pais e do meio ambiente, estrutura-se sua imagem corporal. Desta maneira, a criança institui o que é semelhante e o que é diferente de seu corpo. A estruturação da imagem corporal só se completa mais tarde quando o contato desta criança com a sociedade aumenta e a cultura se instaura no cotidiano desta. A cultura é o dinamizador da constituição da diferenciação na criança [...]

Transbordar linhas e limites, fronteiras que nos dizem para não passar, transbordar para além de si, expandir, mas também contrair para poder ser e existir. Linhas que dão possibilidades de descobertas de si próprio. Palavras e frases, que traduzem um corpo que fala a partir de movimentos ritmados e dançantes. Um corpo que pulsa vida e respira arte e cultura. Para reconhecer-se e tornar-se negro em suas narrativas diferentes processos afloraram e, ainda, se abrem a cada dia ou a cada

encontro. Encontrar no outro forças e compartilhar vivências. Reconhecer no outro semelhanças, processos e cicatrizes.

A fala de Baobá ressalta a importância do acesso à informação e ao conhecimento, o que é restrito nas periferias das cidades. Letras de músicas que denunciam o racismo, e dizem de uma realidade violenta, vivenciada por quem canta e também por quem dança. Mover-se neste som é ir contra o que está instaurado. No movimento Hip Hop letras, movimento e dança trazem conhecimento e gritam sobre realidades que quase sempre passam despercebidas, ou são escondidas debaixo do tapete. Traduzem marcas simbólicas e reais, nos processos vividos.

Nos caminhos com ele e nas suas trajetórias vou lembrando de tal cena, tal música, tal acontecimento. Reverberam em mim, como revolta, resiliência, lembra-me minha adolescência e meus próprios processos de subjetivação. Pouco conhecimento, poucas reflexões e pensamentos críticos, odiava o tal do funk<sup>11</sup>, *“música de bagaceiro (risos em meus pensamentos), música de desocupado e de quem não tem o que fazer, escreve qualquer coisa e ainda ganha dinheiro”*. Mal sabia eu suas origens, sua história e onde se iniciou, pensamentos meus introjetados por uma sociedade preconceituosa e elitista. Há muitas reflexões a se fazer sobre o funk sim, como em qualquer outro gênero musical encontramos ali também, letras racistas, machistas, por vezes, termos racistas. Mas são letras que dizem de realidades vivenciadas, de cotidianos violados, diz da negação do acesso às informações, da violência. Mas há poesia também, há belezas, sutilezas e levezas, há muito conhecimento, dizem de lugares, espaços e vidas. O funk era e ainda é um som produzido pelas pessoas da periferia para as pessoas da periferia, e por que ele é marginalizado? Assim como a capoeira, o rap, o samba, o pagode já foram, e ainda são.

A marginalização da corporeidade negra segue por caminhos que chegam a impedir que seus jovens frequentem locais, onde por imposição da cultura dominante, não haveria espaço para eles. Sua arte não é tão bem vista, pois está atrelada, devido aos estereótipos, à sexualidade e a vulgaridade. As imagens difundidas e defendidas pela a mídia não contemplam a corporeidade e a estética negra, assim sem referencial, os corpos negros se encontram perdidos em meio a uma inundação de perfis que não se encaixam na realidade social que se encontram. (SILVA, 2014, pg. 270)

---

<sup>11</sup> Inicialmente derivado da soul music – gênero musical inspirado no Rhythm and blues e no gospel dos EUA, entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1960, especialmente entre os negros – o gênero, com o passar dos anos, sofreu diversas transformações. (CHAGAS, 2018, s/p)

Concordando com Silvio Almeida em sua entrevista para o programa roda viva no dia 22 de junho de 2020, “o imaginário social coloca o negro num lugar de violência”, negando a possibilidade de existência destes corpos, ritmos e movimentos. E para além de estético e político, esses ritmos, gêneros musicais são movimentos de resistência, resiliência e sobrevivência. Para Baobá “*a dança de rua era uma expressão, expressão do um povo, expressão do oprimido. (2º encontro do Mapa corporal narrado)*”. As danças e músicas são aberturas para outros modos de existir.

*Mas o sistema limita nossa vida de tal forma  
Que tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver  
Os anos se passaram e eu fui me esquivando do ciclo vicioso  
Porém, o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido  
Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico. (trecho do Rap A vida é um desafio, Racionais)*

Um cotidiano aparece na pressão do tempo, com cobranças que surgem das diferentes ocupações, cada instante, cada segundo, seja pela graduação, pelo trabalho, pela família, ou até pelo amigos por sua companhia em momentos de lazer, ou no pedido de descanso do próprio corpo.

Um corpo em busca de seu lugar de fala, a fala que está para além de apenas uma variação linguística. Fala como um lugar, político e estético, onde se é escutado e visto.

*Eles falaram realmente a realidade do que era o curso, que é difícil, que não é o que as pessoas pensam que é só dançar é muito mais, que é desgastante, que a gente passa o dia inteiro Universidade das 8 horas da manhã até 5 horas da tarde é um trabalho, basicamente é um trabalho. Em torno desses horários para não atrasar o curso, o curso ele tem quatro anos de duração e para eu conseguir me formar nos quatro anos eu tive que mudar o meu horário que era de tarde que eu trabalhava para a noite. Tinha que trabalhar das 18h até meia-noite então ficava na universidade das 8 horas até às 17 horas, corria para o trabalho que ficava na Courier depois da coca-cola do outro lado da cidade corria para parada e às vezes me atrasava chegava lá atrasado também. No primeiro semestre, primeiro e segundo semestre foi isso eu chegava atrasado chegava em casa 1 hora da manhã e tinha que acordar 6 horas da manhã para continuar esse ciclo de novo e tem que vim uma hora de ônibus todo dia para o lado para o outro. Eu ficava duas horas do meu dia dentro de ônibus 1 hora de ida, 1 hora de volta. E isso me desgastou bastante, muito mesmo me levou até um esgotamento muito grande chegou um ponto de eu ter que abrir mão do meu trabalho porque eu pensei “bom, ou a minha saúde vai se debilitar, o que já estava acontecendo, que eu não consegui dormir, estava perdendo o apetite, coisas que geralmente não aconteciam comigo. ( 1º encontro , fala de Baobá)*

Narrativas e cenas que demonstram pouco espaço para se autorizar a sentir algumas vivências, o cansaço, fica para depois. Em suas falas aparece que foi necessário encarar o mundo e ir para a linha de frente, encarar a vida e seguir. Apenas

depois de muito sentir na própria pele poder encontrar espaço para ouvir os pedidos de descanso do próprio corpo. Talvez essas exigências sejam um cruzamento de linhas das histórias pessoais e sociais em um estado capitalista, que faz do corpo objeto, máquina. Uma ladainha onde se canta que é preciso dar conta de tudo para caber em certos espaços, para pertencer.

Buscar conhecimento, encontrar saberes horizontais, por meio de trocas mútuas com os colegas de graduação e professores possibilitou seguir e encarar os desafios do racismo estrutural, institucional e cotidiano, dentro da academia.

*Na minha família ninguém tem um curso superior a maioria tem ensino médio e fundamental incompleto são poucos que tem o ensino médio completo. Isso me fez me lembrar da minha infância que tinha um tio meu que tinha o terceiro ano completo ensino médio completo e toda a família endeusava ele “olha lá não pode parar de estudar porque tem que se formar igual o teu tio lá o tio Zeca” ele era digamos o topo do que a gente conhecia como alto do ensino era ele. Então a gente tinha essa coisa de sempre progredir. Consegui me formar no ensino médio e logo quando eu estava me formando eu vi alguns colegas falando da escola técnica na escola técnica “Ah eu passei na escola técnica, isso, isso, isso” e eu perguntava o que que é isso isso? “Ah, isso é um posto acima do ensino médio”. Eu nunca tinha ouvido falar disso para mim o máximo era ensino médio e eu comecei a me deparar com essas coisas entende? A informação não chegava onde eu morava, esse tipo de informação não chegava até mim era para poucos. (1º encontro, fala de Baobá)*

Quantos professores negros você já teve? Quantos alunos negros tem/teve em sua sala de aula? Quantas pessoas negras existem no seu cotidiano? Perguntas que já ouvimos em alguma palestra, feita geralmente por algum/a palestrante negro/a em um espaço onde a temática era racismo ou negritude. O acesso a graduação não é diferente, chegar à universidade para corpos negros é um processo que implica em diferentes etapas, dentre elas o fato de que muitas vezes, você será o primeiro de muitas gerações a ocupar tal espaço, como nos afirma Ramos (2017, p. 37) “ Ver a minha mãe na batalha me fez pensar em minhas perspectivas reais. Minha família só frequentou a universidade a partir da minha geração.”, quantos de nós chegaremos a universidade? O pouco ou quase nenhum acesso à informação sobre as diversas etapas existentes para adentrar a universidade impedem que muitos a ocupem. As ações afirmativas garantem 25% das vagas no ensino superior, elas surgem como uma política de reparação histórica com a população negra. Mas para além de adentrar a universidade como fica explícito na fala de Baobá, é necessário que a informação chegue a todos, assim como a ampliação e divulgação das políticas para permanência estudantil dentro das universidades. De forma acessível, fugindo das amarras de editais com escritas formais que dificultam o entendimento.







#### 4.1.1 Experimentando devir - Baobá

Baobá palavra de origem africana significa “árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.” (SAGATIBA,2015, s/p) Abrindo espaço para que esse corpo fale através da dança suas raízes fortes, longínquas. Um tronco com uma casca dura, de tanto aguentar as tempestades, dias de chuvas, dias de sol, o vento gelado de dias frios e o aconchego de dias quentes e também do cheiro doce das primaveras. Uma casca grossa que suportou as diferentes adversidades da dança da vida para chegar onde queria e passarinhos sussurram lá do alto da sua linda copa “essa árvore quer ir mais alto”, e sua copa linda bem verdinha, galhos para tudo que é direção, dizem de diversos caminhos e diversos ganhos ao longo de sua trajetória. Vários frutos são vistos, alguns ainda são brotinhos, alguns pequenos, outros maiores, um mais belo que o outro. E por aí vai esses galhos e essa árvore continua a se expandir e na sua linda copa é possível ver os ninhos dos lindos passarinhos que pousaram por ali para auxiliar nessa linda caminhada, alguns ficam, outros vão, é sempre essa rotatória. E a bela árvore continua a bailar conforme a vida vai, conforme aonde quer chegar e qual seja o ritmo que esteja a tocar, ele está lá para se experimentar.

*– Entender que além independente de a gente tá em pé ou tá no chão a gente tem sempre uma raiz que segura a gente. E a gente entender que não é porque... não é porque tu se afastaste delas em si que não é mais importante, se é uma coisa que te dói ou se te dá força neh, que vai se tornar menos importante. Ela faz parte de um processo de cada um. Quanto mais tu olhar pra ela, mais tu vais reconhecer isso porque, nutre quanto te desnute também. Hãã ... valorizar esses vínculos que tu tens na tua terra também neh, pra que se tornem algo que te alimentem. Eu penso em todas as relações mesmo, trabalho, hã... vida pessoal, vida afetiva, o quanto cuida disso alimenta um ciclo na gente que vai nutrindo o corpo e.. mente, sem separação neh, corpo e mente, mas corpo nesse sentido de unidade. E quanto mais a gente se dá conta dessas coisas em si, desses fluxos, que a gente tá que a gente tá, seja na relação, eu fiz uma borda mais interna neh, mas que a borda exterior primeira vez é isso. Mas o quanto ela traz conhecimento, traz sabedoria, hã.. traz reflexões que são alto cura então pra gente neh, pras coisas que afetam a gente no dia a dia. Hã.. o quanto conservar as relações que a gente tem também as que a gente já tem é bom, de alimentar o que as relações que a gente já tem, de.. querer mais, nutri o que a gente já tem e querer mais. ( Fala de Baobá, 1º encontro de construção do Mapa corporal.)*

Criar raízes para suportar, fixar-se ao chão para poder seguir. Raízes que se cruzam e percorrem diversos caminhos. O que nos move, o que nos movimenta?

*E rever essas coisas em si me mostrou que na minha base em si né, hã de movimento nas primeiras danças que eu aprendi, que é dança afro e capoeira, estava descalço. Eu lembrei no caso as raízes né, e meu pé*

*tocando o chão, hã voltei tocar o pé no chão, na terra, terra mesmo, depois da graduação, em casa não tinha tempo, trabalho isso e aquilo. Mal paro em casa né. E aí de ter tempo de pesquisar, de olhar pro teu corpo descalço e vê essa relação tua com a terra mesmo, é eu tive esse tempo assim, mais de fazer isso na faculdade. Que deram um tempo de realmente olhar pra isso, de pé descalço, de ver como tu se move a partir disso. ( 3º encontro Mapa corporal narrado Baobá)*

Forte conexão com a natureza, com a terra e o universo, aparece na sua narrativa como estar ligado aos seus ancestrais. Sentimentos necessários para assim reconhecer-se. Caber em si, acomodar inquietações em seus espaços, transbordar para compreender a si e aos seus.

*“Dançar, pensar em dançar descalço com os pés no chão, percebi que isso é uma relação com a minha ancestralidade, reconhecer a minha ancestralidade. Depois de formado agora eu quero ir nesses lugares assim, onde tem dança de pés descalço, aonde tem esses lugares que se apegam mais a natureza, nesses lugares aí eu quero pesquisar bastante, tem um lugar pulsante em mim, que me desloca pra esse lugar” (4º encontro Mapa corporal, Baobá)*

Com o traço corporal (procedimento do 1º encontro do mapa corporal narrado) deu borda a um corpo que fez falar e foi visto e encontrou na dança forças e formas para encarar o mundo. Raízes e ancestralidade, descobrir a sua história lhe deu para além de conhecimento, a possibilidade de enxergar a si e os seus em um mundo onde tem sido necessário reforçar sua própria identidade cotidianamente. Encontrar possibilidades e ir ao encontro com sua ancestralidade lhe trouxe forças e formas de resistir, o tornou gigante o fazendo crescer e florescer. Contou de si, contou de muitos, contou de universos.

Raça é para além de processos de exclusão, este dispositivo fortalece modos de agir, ações e reprodução de normas sociais dominantes. Sujeitos são desumanizados, coisificados neste dispositivo-raça.

Resistir ou paralisar? Temos direito a paralisar? Processos subjetivos que compõe sujeitos, jogos de forças que compõem corpos negros, como estar imerso a isso tudo, o que e como mudam as composições de linhas neste território-corpo? Fugas e formas de existir. Percursos que dizem de caminhos, costuras, modos e ser. Dançar, produziu na vida de baobá uma linha de fuga da captura neste dispositivo.

*Simboliza uma, é uma estrada, mas também é uma costura, sabe?!, são pontos digamos de uma costura, que eu fui entendendo como pequenas ligações que eu fui encontrando no curso inteiro na minha trajetória inteira, na minha trajetória de dança em si como negro. De..., de perceber que um tanto de, de... coisas que eu fiz na minha vida que digamos a eram atribuídas a negro, a cor, capoeira, a isso, aquilo, aquele outro. Me fizeram corpo, me deram corpo... (1º encontro do Mapa corporal narrado, Baobá)*

A arte ocupa um espaço e sentido além de estético também, o político e para além, também abre espaços e possibilidades clínicas. Representando no contexto deste sujeito um espaço de respiro, de existência e resistência, onde ele fala, grita e constitui-se enquanto sujeito. Força e histórias contadas através de um corpo, que dança e a partir da arte existe. Que atravessa um cotidiano e o que lhe traz equilíbrio, saúde e qualidade de vida, através da arte.

*A minha mãe me colocou num grupo de capoeira a gente tava numa praça, uma vez, uma tarde assim com os meus tios e eu vi um grupo de capoeira jogando ali né e eu quis chegar perto para ver né tinha um monte de gente em volta, batendo palma, gingando e cantando e eu achei interessante achei bom e a maioria eram negros estavam ali e eu notei como um monte de negro tava ali e chamava atenção de vários outros no sentido bom e aquilo me chamou muita atenção me deixou muito eufórico e no final dessa roda eles eles me perguntaram se eu queria entrar e tudo mais e aí minha mãe me incentivou. ( 1º encontro, fala de Baobá)*

A dança para si e para todos que o veem dançar foi amar, sentir, responsabilidade, falar de si e dos seus, foi cuidado, conhecimento, dores, amores, por vezes competitividade, viver e resistir, falar e respirar. Foi e é reconectar-se com seus ancestrais e com todas as suas versões. Sendo possível pôr a dançar os jogos de força que o moveram até onde chegou, sendo possível ampliar seu olhar sobre si e sobre o mundo. E parafraseando Silvio almeida, movimento negro também é hip-hop, capoeira, roda de samba, candomblé, mas também, pode ser balé clássico.

Camadas, que fortalecem tal corpo, tal tronco. Contar de processo de uma vida, todas as relações que são vivenciadas e que se atravessam e se cruzam, em linhas retas, diagonais, linhas curvas, semicírculos, de diferentes formas, a vida acolhe.

*Então só da pessoa contar como eu to te contando “ Ah eu vim do polle dance, eu vim de tal família, eu também passei por isso, isso, isso e isso, eu também não passei por isso, isso e isso”, coisas que eu nunca passei pela minha vida né. Mas que me deram forças pra elaborar coisas que já estavam em mim e que talvez eu não tinha muita borda pra isso, sei lá. Dentro de preconceitos, dentro de um monte de coisa que tem dentro da gente né. Coisas que a gente foi educado a ter né. O curso aqui me fez , O curso , a faculdade me fez despir um monte de camada que eu tinha, olhar pra várias camadas que eu tinha , a partir de, das minhas relações com, de me nutrir com as relações que eu tomei como base né para mim pra mim. Digamos que quando eu entrei na faculdade eu tinha, era uma outra base de conhecimento. Quanto mais eu me nutri daquilo ali e levei pra minha relação familiar... ( 1º encontro do Mapa corporal narrado, Baobá)*

Estudar abre novos universos de sentidos, de ideias, de modos de vida. Estar na academia, interfere e nos modifica enquanto sujeito. a rotina de aulas, bolsas, trabalhos, provas e tudo o que vamos passando a descobrir sobre um mundo de

possibilidades, nos modificam e passamos a elaborar coisas que nem percebemos e só nos damos conta quando paramos para refletir. Também interfere nas nossas relações, no nosso cotidiano, no nosso fazer corpo no mundo. A dança lhe auxiliou a enxergar outras formas e a refletir sobre os diferentes assuntos do dia a dia, abrindo espaços para novos conhecimentos, e saberes. Reconhecer espaços e possibilidades também sobre si próprio e reconhecer-se enquanto sujeito negro e sua ancestralidade.

*digamos eu to conversando com a mãe ela fala que adora conversar comigo, que as vezes eu vou lá, ela já tem, o meu irmão fala disso sempre com ela, a minha outra irmã fala disso, chega eu lá ela diz, bah mas tu vem sempre com um assunto diferente, sempre olha pra mesma coisa que a gente tá falando diferente. E um dia eu fiquei pensando, tá mas será que eu tô muito avoado e eu não consigo focar na mesma coisa, eu disse não, não tô avoado, eu tô realmente refletindo todo dia sobre as mesmas coisa, por isso talvez surjam coisas diferentes e não diferentes, coisas a mais. Porque quando eu olhar pra todas separadas eu vou dizer que todas fazem parte da mesma, não to falando de coisas aleatórias. E a partir da, e... e eu gostei que foi a partir do meu corpo, a partir da dança em si sabe, que consegui olhar pra essas coisas... (1º encontro do Mapa corporal, Baobá)*

Mudanças nele e na família oriundas do acesso à universidade, decorrentes de uma experiência de afirmação. Recortes que dizem de certo contexto e de certa realidade, vivenciadas por muitos. Baobá se faz protagonista na própria vida. Faz das suas camadas revestimentos que lhe faz seguir. Processos de singularização que dizem de seu ser.

*E quando eles começaram a me dizer “não, a referência na dança é essa, esses, esses” e eu, no início da graduação, não vi ninguém, das danças que eu vi, ninguém que me representava. E a gente se sente um pouco deslocado para poder estudar. Tu vê que precisa correr muito atrás para poder se sentir aceito no lugar. E quando eles veem no teu corpo um trabalho de pesquisas que realmente foi alimentado por esses autores, que teu deu propriedade de falar. E nesse sentido tu vai se tornando referência, tu vais se tornando referência, porque tu falas com muito propriedades, porque tu falas do que é teu. E consegue conversar sobre outros autores a partir do que é teu e não exaltar eles sempre que basicamente aparecem. (2º encontro do Mapa corporal narrado, Baobá)*

Não enxergar referências, se tornar referência, diz de sujeitos que pouco se enxergam em lugares de grande prestígio social. Experiência compartilhada por outros corpos negros, que também não se enxergam nas grades curriculares das escolas e universidades. Compor um corpo social, que é invisível também intelectualmente. Ouvir em palestra que temos bibliotecas colonizadoras, nos faz refletir sobre que tipo de leitura consumimos, quem são nossos intelectuais inspiradores. Estes textos podem apresentar ideias, conceitos, formas de escrita que

nos fragilizam enquanto corpos negros e na busca de nos reconhecermos e encontrar potencialidades em nós mesmos.

Nos cruzamentos das vivências minhas e de Baobá, observo que estudar psicanálise na graduação em diversas disciplinas, percebendo que os autores citados e utilizados eram sempre autores brancos, Freud, Winnicott, Piaget... Ao longo do desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso, conheci Virgínia Bicudo, mulher negra, psicanalista, que também poderia ter sido utilizada para diversas discussões em sala de aula, que poderia embasar os diversos conteúdos estudados. Virgínia cruzou o meu caminho, por minhas próprias buscas e interesse em estudar a negritude, e encontrar intelectuais negros que pudessem embasar meu trabalho. E se eu tivesse traçado outros caminhos? Saberíamos de sua existência, saberíamos que meus ancestrais também foram cientistas e intelectuais importantes também para o desenvolvimento de diversas disciplinas? A universidade abre muitas possibilidades, mas também nos adoece, quando percebemos que poucos de nós conseguiram ter acesso, produzir, ser reconhecidos por suas produções, se tornarem referências, não conseguimos nos ver representados. Essa experiência faz voltar as linhas duras do dispositivo raça, que exclui, silencia, marginaliza, invisibiliza a população negra.

Marcas e cicatrizes que surgem no caminho, que compõem corpo, que compõem formas. *“E a gente acaba reconhecendo as falhas da gente, as potencialidades da gente e a principal foi de aprender a escutar, só a escutar.”* (2º encontro Mapa corporal narrado, Baobá). Reconhecer a si, escutar o próprio corpo, encontrar em si mesmo potencialidades. Acolher e mapear as próprias dores, angústias, levezas, conhecimento. Pertencer a tais espaços, para ressignificar diversos outros.

*“Eu tinha um certo pensamento de que a somática logo que eu entrei, eu achava uma coisa muito parada, mas é parada porque tem um tempo, é tem que ter um tempo maior relatado assim, pra ti entender, aquela coisa assim”.* (4º encontro mapa corporal narrado, Baobá) Encontrar em técnicas e novas experiências, descobertas sobre si próprio, descobrir no novo, novas sensações, desvendar outros mundos e encantar-se por eles. Por em obra em movimento, todos os jogos de força que ali são postos, naquela existência, naquele cotidiano, numa rotina.

*“A gente percebe que o quão colonizador a gente é, queremos as coisas e tudo que tem, querendo devorar tudo né, então as vezes tem que perceber de ti mesmo, ter esse tempo maior, e refletir sobre ti mesmo, eu encontrei várias coisas.”* (4º encontro Mapa corporal, Baobá). Acabamos reproduzindo ações ou palavras

colonizadoras inconscientemente, pois a sociedade ainda vivencia e reproduz processos colonizadores, para chegarmos até tal pensamento, e refletirmos sobre nossas próprias ações, é necessário criar novos conhecimentos, construir outras formas, vivenciar desmanchamentos internos para assim compreender o quanto violento podem ser alguns de nossos atos, e consigo mesmo. De encontro com outros corpos negros, nos fazemos refletir sobre as nossas diferentes perspectivas de mundo. Descobrimos nossas fortalezas e potências, e também nossas fraquezas. Espaços coletivos, de acolhimentos e onde é possível se enxergar.

Corpo também é construção social, como meio para algo, que visibilizam a diferença, que dá haver diversas linhas que fazem sujeitos e coletivos. Vamos constituindo corpo e ser, a partir do que os outros introjetam em nós, ocorrendo assim nosso desenvolvimento intrapsíquico, para assim construir nossa subjetividade e espaços no mundo.

*eu botei aquele sorriso ali né, que a maior alegria minha é poder me autorizar a falar da minha história em si, escrever ela como TCC e ter todo um ano inteiro né, de poder me debruçar nesse assunto e trazer coisas que já eram subjetivas mesmo, mesmo pra mim. Hã de poder olhar pra mim, mais de uma vez pras mesmas coisas e conseguir enxergar coisas que eu não enxergava antes... (3º encontro do Mapa corporal narrado, Baobá)*



Figura 4: mapeamento corporal narrado de Baobá- o sorriso

Falar de si é falar de muitos, é falar de um coletivo, que perpassa por diferentes processos de subjetivação enquanto sujeito negro no mundo. Espaço que por si só acolhe, espaço de cuidado e encontro, percepção da sua própria imagem, percepção de si mesmo e de muitos outros Baobás. Compartilhamento de saberes e de vida, de mundos e de experiências. Reconhecer-se, reconectar.

Histórias de vida que se repetem, mas que tem caminhos e percursos diferentes, condições e possibilidades singulares para cada corpo negro, poucas, quase nenhuma, às vezes nenhuma. Como sair de uma realidade violenta, se é a que eu tenho como exemplo, se a violência e seus desdobramentos são as possibilidades que se apresentam?

Políticas públicas que deveriam ser efetivas para esta população, mas que mal são conhecidas pelos mesmos, um estado genocida que decide quem deve viver e quem deve morrer. O corpo para além de concretizar uma existência, torna-se alvo,

da violência cotidiana. E a mídia alimenta o imaginário do corpo negro inferiorizado, subalterno.

Acreditar em si para poder seguir, uma família que lhe dê base, oportunidades mínimas, são algumas das questões que aparecem e que não chegam para todos. Desejos, vontades, necessidades básicas, nem sempre supridas. Encontrar resistência na própria história de vida e ancestralidade para seguir, e construir a si mesmo.

*Aí ela me contando da história dela que foi descendente de indígena e isso, isso e isso. Tem coisas que eu não sabia em si né. Daí os parentes do meu acho que bisavô, é bisavô, tem, eles moraram em quilombos também e foi isso, coisas que eu nem sabia. Aí na graduação eu comecei até com, a gente começou a estudar danças do Brasil, aí tinham instrumentos que a gente aprendia a tocar né, eu vi essa energia, que tinha de, de gostar de, de sentir uma energia diferente perto de tambor, de algumas outras coisas, perto de alguns instrumentos ali que eu já conhecia mas não tinha tanta proximidade.(3º encontro Mapa corporal Baobá)*

A importância de reconhecer nossa história ancestral, desde a infância, a fala de baobá, reforçam a necessidade de discussões sobre as questões raciais no nosso meio acadêmico, além de reconhecer nossos reis, rainhas, cientistas e intelectuais, desde o início de nossa vida. Conhecer nossa própria história, para poder entender nossos percursos.

Desmanchamentos necessários, memórias que dizem de processos e corpos. Percursos que dizem de seus processos de subjetivação, que auxiliaram a abrir portas, enxergar possibilidades.

*E, quando cheguei, eu sempre lembro essa transição de profissional, de, de bailarino só de companhia pra profissional né criador, eu fui, eu lembro sempre da FUNDAE como lugar, lugar assim, não lembro da data, mas eu lembro do lugar onde, onde isso aconteceu né, me deram a oportunidade. E também não me autorizava muito, já tinha, já sabia criar, já tinha consciência de, de como criar pra mim e pro outro né, respeitando o corpo do outro e a história do outro, mas eu nunca me autorizava. Aí quando começaram a me incentivar, foi numa época que eu dancei meu primeiro solo né de danças urbanas daí me falaram, foi aí que me disseram não, se tu viu que já, consegui ganhar ainda na época, primeiro solo que eu fiz eu ganhei, aí disseram “óh viu como, quando tu acredita na tua história em si, quando tu acredita na tua dança, tu vai pra frente, isso eu já vejo isso bastante tempo em ti, então acho que chegou a hora de tu começar a olhar pelo outros também, da forma que tu gosta de olhar né, que é criando dança, que é pensando junto com o outro né, não pelo outro.” E daí me incentivou a partir dali eu comecei a me atirar mesmo assim, a pesquisa dança, todas as danças, me fez olhar pras outras danças também com mais afeto, com mais respeito, com mais atenção também, porque as vezes eu só olhava pras coisas que eu queria, pras coisas que eram da minha necessidade de aprender e não pra todo grupo que tava no contexto né.( 3º encontro do Mapa corporal Narrado, Baobá)*



Autorizar-se a ser, a falar, a escutar, a ouvir, a fazer. Pequenas ações que por vezes somos silenciados. Habitar espaços para caber. Projetos sociais que também lhe auxiliaram durante o caminho. Processos que lhe fizeram crescer e compreender sua própria existência, a dança lhe deu passagem para existir, falar de si, conhecer a si, contar de si. Gritar ao mundo e existir.

*Então a graduação de dança, a universidade acho que são os lugares onde eu tenho um respeito e um carinho muito grande, é difícil de tá lá, é, não vou dizer que não é, pra gente que é negro e tem que trabalhar e tem que, digamos, tem que trabalhar em turno oposto a universidade, se não tu não se banca lá, tem que trabalhar fim de semana se não, as vezes tem coisa que tu quer fazer e tu não consegue dar conta, gerenciar esse dinheiro, então me fez olhar pro meu tempo também é diferente, de chegar, de olhar pro meu tempo e dizer “não, tem muita coisa aqui tem que tirar alguma coisa, já tá te esgotando de querer abraçar o mundo e não dá, foi na época até que eu saí do grupo de danças urbanas e tentar olhar com 100% de atenção pro que desse ali né, mas olhar inteiro. (3º encontro do Mapa corporal narrado, Baobá)*

Para além disso ressaltamos a importância da arte em seu percurso, a arte é a linguagem do inconsciente, e abre novos caminhos para o conhecimento.

#### 4.2. ENCONTROS COM ABAYOMI

*“Sou, porque somos, sou minhas ancestrais, sou todas elas, as que vieram antes de mim ...”*



Figura 5- Boneca Abayomi (imagem da internet, out de 2020)

Armadura, proteção e esconderijos dentro de si é o que pareço ter encontrado. Mulher negra, grandeza externa e também interna, mas que não parece perceber. De encontros se constitui e compõe a sua existência no mundo.

Observo sua forma tímida, mas ao mesmo tempo presente e consciente. Primeiro encontro, para desvendarmos sobre seus percursos subjetivos. Traços que lhe compõem e dão forma. Que afirmam sua existência e são potentes para si, resistir e habitar corpo.

Abayomi muito traz em seus dizeres nossos ancestrais, e seu contato direto com tal passado. Meus anseios são maiores por querer navegar por sua história e conhecer seus caminhos. Ela os faz lentamente. É passarinho no ninho acuado, aprendendo a voar. Me aproximo devagar para não assustar.

*“A palavra abayomi tem origem iorubá e significa “encontro precioso” (VIERA, 2015, s/p). Abayomi boneca de retalhos, tem origem nos navios negreiros, quando o povo escravizado era trazido para o Brasil, as mães pretas para acalantar e acalmar seus filhos, faziam uma boneca de nós ou trançados, sem costuras, com retalhos da própria saia, a boneca servia como proteção.*

*. “E sempre quando tu vai falar em assunto de negro todo mundo te olha, e isso causa um constrangimento né porque é falar em qualquer coisa de negro todo mundo olha pra pessoa.”(1º encontro com Abayomi, Abayomi)* Estar em locais públicos, ou até mesmo na sala de aula, quando o assunto da discussão são questões raciais, racismo e negritude, parece que é sempre voltada aos poucos corpos negros que se fazem presente naquele espaço. Todos ao nosso redor nos olham e é necessário que saibamos mais por sermos preta/os, olhares e estigmas que nos ferem, causam constrangimentos e também nos oprimem, como se devêssemos saber tudo sobre tais assuntos. Ocupamos um lugar forçado pela branquitude, e para além disso, nossos saberes e conhecimentos são dos mais variados assuntos, não falamos somente sobre negritude, estudamos os mais diversificados assuntos, a negritude sim, é extremamente importante para conhecermos a nós próprios e nossos pares, mas não, nós não nos restringimos a isto.

*Pesquisadora – E pra ti como é que é estar no movimento (negro)?  
Abayomi – [...] Mas eu acho que todo negro deveria tá, porque é por nossas causas a luta e cada vez a gente vai tá retrocedendo mais. ( 1º encontro com Abayomi, Abayomi)*

A partir da fala do diálogo com Abayomi me coloco a refletir sobre o que é movimento negro e o que é estar no movimento. Muitos tem uma visão estereotipada do que é movimento negro, e só estaria presente no mesmo quem participa de coletivos, associações, marchas, protestos e movimentos políticos. Mas o movimento

negro é muito mais além, é mover as diversas amarras que oprimem corpos negros diariamente, é cuidado consigo mesmo, é a roda de samba, é o jogo de capoeira na praça, é a dança afro, é as comunidades se unindo para ajudar um ao outro em uma pandemia, o terreiro, o centro de Umbanda, isso também são movimentos políticos, também culturais. Além da diversificação de cada forma de movimento negro, temos as diferentes ideologias e as singularidades existentes em cada um dos grupos e movimentos, em cada parte do país, região ou a própria cidade, todo movimento negro terá a questão racial como comum, mas ainda assim tem sua singularidade.

Movimentos de aquilombamento<sup>12</sup> estes que se tornam espaços de encontro, trocas e existências, para além de conceitos, aprendemos sobre nossa ancestralidade, nós nos reconhecemos enquanto sujeitos e coletivos, nos inspiramos, apoiamos uns nos outros. Lugares onde encontramos nossos pares, nos empoderamos e também nos curamos. Espaço de liberdade onde podemos nos expressar e dialogar de formas horizontais, onde processos são construídos coletivamente.

*O Coletivo que eu faço parte, foca mais em empoderamento, empoderar mulheres, porque é majoritariamente formado por mulheres. E ajuda bastante o movimento né, porque o nosso tem professora, tem advogada, tem de tudo, então tu podes se imaginar ali, ver outras pessoas, poder chegar aonde elas chegaram. (1º encontro com Abayomi, Abayomi)*

Abayomi traz em sua narrativa a importância do movimento negro, e de espaços como este para sua construção subjetiva. Ele auxiliou em seu processo de empoderamento e autoestima enquanto mulher negra, e lhe faz enxergar nas companheiras de percursos caminhos possíveis para seguir e existir. O encontro com outros corpos negros é potente em sua existência e na construção de sua subjetividade.

*“Por mais que a igreja católica diga que a imagem de Jesus é branca a gente não acredita. Se a gente for do Candomblé todas as imagens são negras é o que dá mais forças pra gente.” (1º encontro com Abayomi, Abayomi)* Enxergar-se nesta relação, identificar-se para crer. Religiões de Matriz africana ou afro-brasileiras, tem imagens negras e conexão direta com a ancestralidade. Laço importante para

---

<sup>12</sup> Batista (2019, p. 399): “Aquilombar-se” tem se tornado um termo popular entre grupos negros engajados na ideia de resistência da cultura negra brasileira. Para esses grupos, “quilombo” é uma importante tecnologia social de resistência que promove o “estar junto” para ampliar e potencializar saberes, cultura, identidade e histórias ancestrais. Aquilombar-se é, para os negros, um jeito de ser no mundo.

reconhecemos nossas histórias passadas, outras formas de existir e de fé. Que por muito tempo foi demonizada, e atualmente, ainda sofrem muitos ataques. Terreiros e centros de Umbanda, são espaços importantes para corpos negros e seus processos de subjetivação. Espaços sagrados, que resgatam rituais perdidos da história da população africana. Rituais como a roda/giro, as oferendas, e as festas aos orixás, dizem de ritos que fazem parte de uma cultura riquíssima e, que por muito tempo, foi negada, silenciada, invisibilizada

*“A religião é importante pro nosso empoderamento, vemos na história do Preto velho que passou por tantas dificuldades pra nós que acreditamos né, nas suas histórias e tão aí contando sabedoria. Então acho que é bastante importante.” (1º encontro Abayomi, Abayomi).* Figura de grande representatividade dentro da religião, compartilhar conhecimento e sabedoria a partir de seus conhecimentos. Encontros e trocas que fortalecem sujeitos e coletivos. Uma prática e forma organizacional que afirma outros modos de existir culturalmente. Visualizamos na narrativa de Ramos (2017, p. 32),

Conhecer o candomblé me ajudou a entender uma forma de organização social que esteve muito presente na minha infância. Só cheguei a essa conclusão depois de conversar com a educadora Makota Valdina. Ela me chamou a atenção para a estrutura familiar do candomblé, que reverencia a experiência dos mais velhos. É uma religião que dá ênfase à hierarquia, ao respeito e à solidariedade, justamente os valores que recebi de Dindinha. Além da relação com as folhas e a natureza, claro.

Dar bordas a um corpo, para revisitar percursos e desvendar processos subjetivos, singulares e também coletivos. Bordas que reverberam em meu próprio corpo. Ela se apresenta no encontro comigo... um corpo sereno, que pouco fala, e que me provoca curiosidade.

Esconderijos dentro de si mesmo? pouco conta de uma história grandiosa e de muita força. Fortes ligações ancestrais são marcas dos seus processos de subjetivação e fazem parte da sua construção.

*Abayomi - A minha avó era uma cacique, sempre teve uma terreira, dentro de casa já e agora depois que minha vó morreu, é a minha irmã que está dando continuidade. Então desde sempre, eu sempre fui de religião.*

*Pesquisadora – Tu é de qual religião?*

*Abayomi – Sou da Umbanda, Quimbanda. (1º encontro de construção do mapa corporal narrado com Abayomi)*

Conhecer nossa história a partir de outra perspectiva e outros olhares, reconhecemos em tais religiões uma história que nunca nos é contada, e por vezes é

invalidada, e que por muito tempo foi apagada, nos traz compreensão sobre nossas marcas e memórias. Dialogando com Gonçalves (2017, s/p), acompanhamos tal processo que nos manteve muito tempo sem saber quem éramos.

Mas e os descendentes da diáspora africana? Quando chegaram ao Brasil, os traficantes já haviam destruído os registros dos lugares de origem e redefinido etnias com nomes genéricos como Mina para todas as pessoas que embarcaram na costa da Mina, ou Costa do Ouro da África Ocidental. Eles já os tinham feito dar voltas e mais voltas na Árvore do Esquecimento (um ritual que se acreditava limpar suas memórias e história) ou através da Porta do Não Retorno, para que eles nunca mais quisessem voltar e já os haviam separado em lotes que seriam mais valiosos se fossem diversificados, para que pudessem não se entenderem.

Acompanhar desde pequena seus ancestrais foram importantes em sua caminhada, empoderamento, respeito, trocas e muita experiência encontrou ao longo de sua jornada. Diz do coletivo para falar de si.

*A miss universo não é só pela pessoa ou pela aparência, ela tem que ter um discurso. E desde da escravidão já era olhado só pro corpo, eu acho que quando colocam uma Miss universo negra mostra que a gente não é só corpo, não é só beleza. E a frase dessa música (um sorriso negro), não mostra a gente como pessoas tristes, a gente não tem nada, mas um abraço negro, um sorriso negro traz felicidade, acho que representa bastante. (2º encontro Mapa corporal narrado Abayomi)*

Representatividade para além de um corpo, estigmas construídos a partir de um imaginário social sob nossos corpos e nossos processos. Uma mulher negra ganhar o Miss universo, é para além de um rostinho bonito na capa da revista ou na televisão. É nos enxergarmos refletidas nela, é crianças também acreditarem na existência de princesas negras e que um dia podem ser elas a Miss universo. É a materialização de um corpo negro não é apenas lindo, é inteligente, tem conhecimento e pode chegar onde quiser apesar de todas as barreiras que tentaram impedi-la, e deveríamos nos enxergarmos como protagonistas, princesas, heróis, jornalistas, cientistas, etc., desde criança nos desenhos animados, para assim reconhecermos nossa existência.

Inundar uma criança com referências positivas sobre seu lugar no mundo é o primeiro passo para aumentar sua autoestima. Sempre que uma criança admira as características físicas e a personalidade de um personagem, se identificando com ele, ela aprende a gostar um pouco mais de si mesma. (RAMOS, 2017, p. 75)

A música um “sorriso negro” diz de um povo que foi escravizado, e que conquistaram a tão sonhada liberdade. Mas que ainda sem a existência de políticas de reparação, como garantia de emprego, educação, moradia, saúde e que suprissem

suas necessidades básicas, ainda assim sorriam, ainda assim cantavam e abraçavam e tinham fé e esperanças em dias melhores. Música que ainda diz de dias atuais, ainda há presenciamos essa realidade no nosso país.

Um sorriso negro, um sorriso negro  
Um abraço negro  
Trás felicidade  
Negro sem emprego  
Fica sem sossego  
Negro é a raiz de liberdade

Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio é luto  
Negro é a solidão  
Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade  
Negro é destino é amor  
Negro também é saudade

Um sorriso negro, um sorriso negro  
Um abraço negro  
Trás felicidade  
Negro sem emprego  
Fica sem sossego  
Negro é a raiz de liberdade

Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio é luto  
Negro é a solidão  
Negro que já foi escravo  
Negro é a voz da verdade  
Negro é destino é amor  
Negro também é saudade [...]

(Trecho da música Sorriso Negro, composição de Adilson Reis Dos Santos / Jair Carvalho / Jorge Philomeno Ribeiro)

E no ritmo do samba seguimos (R)existindo, encontrando formas que nos autorizam a existir. Acompanhamos o percurso de Abayomi e seus processos de subjetivação, que perpassam pelo coletivo. Aos poucos vai reconhecendo seus pulsos, o que lhe dá forma, aparecem as cicatrizes, acompanho. Frases curtas, se formam, elaboração do seu próprio mapa.

*Pesquisadora – E porque tu te vê assim, como tu se vê assim? o que tu acha que tua imagem transparece para as outras pessoas e como tu se sente com isso?*

*Abayomi – Acho que conforme olhar, eu pareço uma pessoa séria né. (2º encontro Mapa corporal narrado Abayomi)*

A mulata, a barraqueira, a mulher forte e guerreira, a que tudo aguenta, o corpo violão, a mulher do samba. Essas e várias outras características associadas a corpos

de mulheres negras, que por vezes adoecem ao querer atingir o ideal de mulher perfeita e padrão da sociedade. Amar nossos corpos também é cuidado consigo mesmo. Autorizar-se sermos das mais variadas formas.

Abayomi, um encontro realmente precioso. Fomos interrompidas pela Pandemia do COVID-19, no meio de nossos encontros, devido à dificuldade de nos encontrarmos, de forma online não foi possível seguir.

Mas o passarinho no ninho já está pronto para voar, se toda sua força e sabedoria foram demonstradas em poucos encontros, o vento forte, mas passageiro, furacão se tornará.

## 5. TECENDO UMA ANÁLISE ENTRE TANTAS POSSÍVEIS

### 5.1 HABITAR O CORPO NEGRO

Linhas que se cruzaram, habitar corpo, junto a outros corpos, revisitar alguns lugares, experiências com a dança e o meu habitar de um corpo negro. Estar junto e poder reconhecer-se.

Compor corpo, corpo casa, corpo mundo, corpar mundo, para além de existir. Compor processos, contínuos, flexíveis. Perceber-se para habitar a si e ao mundo. Afirmar uma condição que nos é negada diariamente é habitar um corpo, composto por muralhas, que cria mecanismos de autodefesa para a própria proteção, mas que pra além de viver se camuflando é frágil, dói, sente, pulsa, (r ) existe e quer leveza, enxergar as potências e viver dias menos violentos.

Encontramos nos percursos deste mapa dois corpos, um é presente, pulsa, dança e conta para nós de seus caminhos de forma que se percebe no mundo e vice e versa, cresceu e criou raízes em diversas experiências. Outro ainda desvenda seus próprios percursos, contida, poucas palavras, grande conhecimento e história e aos poucos vai criando raízes. *Diferentes*, ambos perpassam pelo emaranhado de mecanismos que o dispositivo raça envolve. Teia essa longa e difícil de desfazer. Para compreender-se, identificar-se enquanto um corpo negro é necessário identificar algumas linhas desse emaranhado e corta-las.

Para trilharmos alguns caminhos e compreendê-los dialogamos com Ramos (2018, pg. 36);

Meu corpo vivia numa dúvida de até onde poderia ir. Eu pensava sempre em como meu corpo devia ocupar os espaços. Eu me sentia dono dele, pela

forma como a minha família me tratava, e sabia que eu mesmo poderia definir meus limites, mas o mundo começava a me dar sinais de que talvez não fosse tão simples assim.

Traspor caminhos e visitar seu corpo, assumir formas de si, são comuns a corpos negros. *“Entendendo que meu corpo é a minha ferramenta de trabalho como bailarino, e como professor de dança. Mas reconhecer que meu corpo é meu do jeito que é.” (1º encontro de construção do mapa corporal, fala de Baobá).* É necessário aceitar nossas próprias marcas e compreendê-las. Nos tornamos visíveis a partir delas, e afirmamos tal corpo a partir da dança, dos encontros, das trocas, da arte e da cultura. Processos identificatórios por meio do encontro com outros corpos negros, É um apoio mútuo, troca recíproca, reconhecer-se no outro, o corpo tem memória, ele ativa.

*Outra coisa também foi o encontro com uma colega, mulher negra, naquele espaço. Se for para ser minha referência, ela é minha referência e eu sempre digo para ela isso, e ela responde “ah, capaz” ... E eu digo ‘sim é’. Se me perguntar “quem é que têm uma história parecida com a tua?” Na hora eu lembro dela. Porque eram poucas pessoas que tinha sensibilidade de perguntar se eu estava bem, de perguntar por que não fui beber no fim de semana. Ela sabia, eu não tinha dinheiro. Às vezes a gente se olhava assim, na nossa festa dos calouros ali, a gente não foi em todas as festas, a gente não tinha dinheiro, não tinham tempo, a gente trabalhava e dava aula. A gente comentava “a gente vai na festa dos outros bixos porque na nossa a gente não tem dinheiro.” (2º encontro Mapa corporal narrado, Baobá)*

Na história da pesquisadora um corpo memória se ativa pelo encontro com os sujeitos da pesquisa. Memórias ancestrais, transitar entre laços e memórias. Dizem de processos próprios, semelhanças e linhas que se cruzam em nossos percursos, para além de visitar corpo é compreender processos.

Dançar na escola, foi a primeira vez que participei de um grupo de dança, ir aos ensaios era divertido, tinha uns 7/8 anos, mover-se a partir das coreografias criadas coletivamente me atraía. Entretanto, falar em apresentações gerava angústia desde que era anunciado que nos apresentaríamos até chegar o grande dia. Eu encarava, ia, segurava a respiração até o fim da coreografia, olhava para o chão durante toda a dança. No fim ouvia elogios da família e amigos, as vezes a minha mãe dizia que eu estava maravilhoso pra ficar melhor ainda, eu só precisava erguer a cabeça e olhar para frente. Tentativas falhas, mas segui, gostava dos ensaios e de como meu corpo movia até certo momento. Depois de algum tempo o grupo acabou e então eu e minhas outras duas irmãs entramos para um grupo de dança afro, intitulado Euwá Dandaras, éramos as Dandarinhas. Lembro bem de neste período minha mãe tentar



nos manter ocupadas pois segundo ela não teríamos tempo de fazermos coisas erradas. Mas ela sempre nos colocou em atividades que gostávamos ou que pedíamos como mais tarde o balé.

Dançar no Euwa Dandaras foi uma experiência incrível, era um grupo majoritariamente de pessoas negras, ensaiávamos no Museu Treze de maio todo final de semana e quando estava mais próximo de alguma apresentação os ensaios eram mais recorrentes. A dança afro trouxe em meu percurso diversos elementos ancestrais em seus movimentos e em seus figurinos. Lembro de em algumas coreografias a representação do espelho de Yemanjá, a espada de Iansã, além das cores representativas, aprendemos sobre instrumentos, também assistíamos os meninos da capoeira. E também era evidente a força e a potência dos encontros entre corpos negros, ver as meninas da categoria acima, era como um espelho, queríamos ser igual, usar o cabelo trançado, ou o Black Power, amar meu cabelo da forma que é, e respeitar tudo que as mais velhas tinham a dizer e a ensinar. Como demonstra hooks (2010, s/p) “O grau em que nos sentimos cómodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo.” Muita coisa se perdeu em minhas memórias, alguns pontos ainda são possíveis lembrar. É acolhedor poder relembrar.

Período este que me compõe enquanto mulher negra, não lembro de ter tido muitas apresentações, lembro de duas apenas. A última memória que tenho do grupo é uma viagem até Santa Cruz do Sul, participamos de um concurso com outros grupos de dança afro, e também o concurso da Mais bela negra, havia diversas categorias, diversos grupos. Lembro da sensação de nunca mais querer voltar embora, era um espaço acolhedor, era lindo ver as meninas mais velhas, assistir aos outros grupos era fantástico, mesmo sendo uma competição, não era o que parecia, o tanto de afeto, de trocas e de conhecimento que ali existia. Talvez tenha sido um encanto de uma criança, mas talvez não, é bom revisitar estas memórias.

*“Acho importante juntar pessoas como a gente, num mesmo lugar. Cansada de ir em lugares e não ver a gente o povo, a periferia, é mudar a história. Então acho importante.” (1º encontro mapa corporal narrado com Abayomi)* Nos vemos e nos encontrarmos nos dá força, sentimento de que não estamos só, um está ali para apoiar o outro. Ao mesmo tempo que somos singulares, somos coletivos, e carregamos em nossas memórias corporais as marcas do passado. Encontrar outros corpos negros e aquilombar, nos dá suporte e sustentação para habitarmos espaços onde nos são

negados. Abayomi nos afirma a importância dos nossos encontros, de nos enxergarmos.

Volto aos meus percursos e percalços, do concurso ao fim dos ensaios, pararam por algum motivo, não recordo. Pouco depois começamos a dançar balé clássico. O conhecemos através de uma novela, onde uma menina dançava. Então contamos de nosso desejo de iniciarmos no balé clássico para minha mãe, sempre estive acompanhada de minha irmã gêmea e da nossa irmã que é um ano mais nova. Minha mãe através da escola descobriu uma ONG na cidade, onde poderíamos participar das aulas de balé clássico e também tinha oficinas de artes, apoio pedagógico e também língua francesa.

Os primeiros anos no balé faltar um ensaio era a pior coisa do mundo, no balé seguimos, mover-se conforme o ritmo que é sentido, me encantou, me auxiliou a sentir e dançar conforme o ritmo de uma música que me tranquilizava, que eu gostava. Diversas vezes pus a dançar as angustias, medos, frustrações, auxiliou a passar por processos, sempre gostei de mover, de dançar sutilmente. Mas começar compreender minha relação com o balé clássico trouxe diversas durezas.

Leveza, sutileza, delicadeza, é o que eu tentava passar no palco, externamente. Internamente, controle, angustia, nem sempre é o que eu queria estar fazendo, ou uma temática que não tenho nenhuma identificação, apenas reproduzir o passo sincronizado e ritmado do balé clássico. Era melhor estar nos ensaios do que no palco, os ensaios eram mais leves e eu podia mover-se conforme eu sentia a música.

Negar um corpo, meu corpo, relação sempre marcante, magreza, flexibilidade, espaço majoritariamente embranquecido, não se fazem presentes no meu corpar, dietas, evitar comer coisas gordurosa, mesmo amando doce, jamais, fazer de tudo pra perder alguns quilos para ser a bailarina perfeita, ou a escolhida para o Pas de deux. Relação essa que me faz ficar aflita e angustiada a cada escolha ou montagem para espetáculos, mas a cada apresentação subir no palco e não sentir o tempo e ser leve, passei a respirar como?

Virei do avesso quando passei para a companhia adulta, significava que agora era vista como alguém que tinha técnica. Mas corpo que não gosto, escolhas que deveriam ser outras. Relação de amor e ódio, ainda permanecem.

Fazer apenas os ensaios seria uma possibilidade? Sim, talvez, gritos, cobranças e correções, frases que opressoras, mesmo nas sutilezas. Corpos

escancarados como perfeitos, papéis já definidos. Percepções, escutas, que me revoltam. Porque seguir?

O que me joga em palco é a revolta, lutar contra. Percebo que o que me faz dançar é apenas a forma como meu corpo se move, gosto de como ele se move. Naquele ritmo da música instrumental, leve, delicado, alivia, acalma, flori. Tentar outro ritmo? Experimentados durante o percurso particularmente, sem conseguir sentir e fazer sentido, o corpo trava, grita e dói, não dá. Talvez ele só esteja adaptado ao ritmo lento, clássico e instrumental, do movimento já marcado, decorado e tantas vezes dançado. Mas é só o clássico que faz sentido gosto do mover do balé clássico, e além de enxergar a necessidade de fazer uma atividade física para saúde e também conflitos estéticos, me fazem continuar.

Sair dos ensaios estressada, de três ensaios semanais um sim e outro não, torna-se quase 50% estresses, e 50 % o querer dançar. Me afasto, sinto falta do mover-se apenas, e de algumas pessoas. Percebo que dançar não tem mais o encanto e a fissura da menina que iniciou, passou. Descobertas de novos caminhos e outras experiências.

Estar em palco, notas musicais, é a árvore dançando com o vento, seja ele vendaval, seja ele brisa leve. Revisitar a experiência de estar em palco e observar as árvores em um dia de ventania, me faz perceber que é por isso que gosto de estar em palco, pois estar lá é leve, como uma árvore dançando ao ritmo do vento, sem cobranças, sem gritos, sem a necessidade de existir a técnica perfeita eu não preciso ter um arabesque a 180°, pois a vibração da plateia afirma isso. Por isso os ensaios são tão desgastantes e por muitas vezes estressantes, exigência de uma técnica perfeita, eu não posso apenas mover e sentir a música, é necessário conter.

Árvores e raízes fazem parte de nossas narrativas, descobrimos processos e nos reconectamos com o universo e com a natureza, onde tudo se iniciou, recomeça, ressignifica e reconecta. Ciclos que se repetem, verão, outono, inverno e a doce primavera, e vamos lá novamente recomeçar.

Linhas onde encontro conexão em nossas raízes. Baobá e Abayomi revisitam suas raízes e suas árvores e sem saber se cruzam pelos percursos. Abayomi não encontra a imagem de uma árvore para compor seu mapa, Baobá as traz em suas falas e também desenha em seus pés, raízes de sustentação e que compõe suas construções.

A universidade surge também como um período marcante em ambos os percursos, mas de diferentes formas. Para Abayomi foi uma das coisas que marcaram seus processos de subjetivação, para Baobá a universidade é um espaço que ampliou seus horizontes, mas um espaço onde foi necessária muita força para resistir, e o que lhe auxiliou nesse processo foi encontrar outros corpos negros com quem pudesse dividir seu cotidiano.

Refletindo sobre o espaço universitário, sabemos que o ambiente universitário para corpos negros é um ambiente que traz diversas formas de violência, seja institucional, simbólica ou até mesmo física. O ambiente universitário é majoritariamente branco, e são poucos os estudantes e professores negros. Mas para além da questão de estar, quantos conseguem chegar até o fim da graduação? Permanecer na universidade, abrange diversas questões, como deslocamento até o campus, passagem para que isso ocorra, transporte, moradia, alimentação, material para as aulas, livros que as vezes não tem na biblioteca, xerox para as aulas, e para além de gastos o ambiente acadêmico envolve questões emocionais e dificuldades de acesso ao conhecimento.

E este espaço pode ser adoecedor de diferentes formas ao corpo negro. Influenciando diretamente na nossa autoestima, nos fazendo questionar nossa inteligência e nossas próprias potencias. Além de não nos enxergarmos nas grades curriculares.

*“Bastante, a gente acho que é uns 80% da população né. E se a gente for olhar aqui dentro da UFSM, a gente não se enxerga.” (1º encontro Mapa corporal narrado, Abayomi).* Somos uma grande porcentagem da população e ainda pouco nos vemos ou não enxergamos nas universidades, na mídia, na política e em diversos outros espaços. A reflexão de Abayomi salienta a importância de nos enxergarmos e nos encontrarmos também nestes espaços. Nossa relação com a graduação que nos silencia e invisibiliza, move dentro da gente sentimentos que nos fazem ir contra tal modelo, e nos faz querer contar sobre nossas histórias e nossos percursos. De encontro com Kilomba (2019, p. 51)

somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a.

A ancestralidade para qualquer corpo negro se apresenta, seja de forma mais leve ou de maneira mais intensa. Linha importante para nosso processo de construção subjetiva, quanto mais cedo reconhecermos nosso passado e nossas histórias ancestrais, mais facilidade encontraremos no nosso processo de compreensão sobre si próprio e nos conscientizaremos da nossa real situação.

Outro aspecto importante se relaciona as religiões de matriz africana ou afro-brasileira apresentando-se como um espaço em que se constitui uma forte ligação ancestral.

Poder contar nossa própria história e sermos protagonista dela nos faz sorrir, nos faz bem e temos muito o que falar. O sorriso surge em ambos os mapas, Baobá fica feliz em poder contar sua história e Abayomi traz um trecho da música que conta sobre a felicidade do corpo negro, que apesar de toda violência sofrida, sorri, abraça e isso traz felicidade. Passamos parte de nossas construções subjetivas tentando caber em algo ou ser de tal forma, que diz de um embranquecimento de corpos para ser aceitos. É importante dialogarmos sobre tais questões com outros corpos negros e com a sociedade em geral. Pois quando isso não acontece, resulta em um estresse e adoecimento, gerando um ciclo de violência sem fim contra si mesmo e os outros.

É extremamente necessário termos referências para assim construirmos nossos processos de identificação e interferir nos processos de subjetivação a partir do que conhecemos da nossa própria história verdadeira e de nossos semelhantes. Ouvirmos e nos espelharmos em outros corpos negros. Atravessamentos que corporificamos cotidianamente, e vamos ao encontro com narrativas que nos assemelham. Modos de existir que nos fortalecem para cuidados de si e do outro, reconhecer-se, afirmar a si e a um coletivo. Construção de territórios de vida e existência.

## 5.2 DOBRAS SOBRE SI MESMO



Figura 6- Alecrim (imagem da internet)

Alecrim fina e pequena haste que lhe mantem em pé, contraditório, dias de sol, dias de chuva, tempestades e ventanias, a pequena haste ainda o mantem em pé. Me identifico no processo da pesquisa e minhas implicações na mesma, demonstram tal comparação. Momentos que travou, seguimos, venta dali, chove aqui, mas dias de sol também surgem. “Por conter propriedades digestivas, diuréticas e antidepressivas, o alecrim serve para auxiliar na digestão dos alimentos e no tratamento de dor de cabeça, depressão e ansiedade.” (Zanin, 2018, s/p)

Chegar nos espaços e procurar alguém com quem se identificar, ver a pessoa negra sempre como figurante, ou a minoria nos espaços. Porque não dançar balé? Porque não ser a protagonista em um espaço embranquecido?

Reforçar padrões estabelecidos muitas vezes é o que encontramos em certos espaços, mas e quando é o contrário? Com corpo afirmamos vida, existência e um território amplo de experiencia e vivencias.

*“Uma marca ruim que me marcou, foi quando aconteceu atos racistas na UFSM.” (2º encontro Mapa corporal narrado, Abayomi).* Atos estes que me movimentaram internamente e externamente, juntar-se a outros corpos negros, jovens universitários para ocupar a reitoria para que medidas fossem tomada, fez com que eu percebesse a crueldade do racismo, e os tantos adoecimentos naquela ocasião me levaram a desvendar outras raízes que fizeram com que eu chegasse até este trabalho. Ver meus pares chorar, adoecer psiquicamente das mais intensas formas, mas, encontrar em momentos culturais o momento de estancar a dor, fez-me perceber

a potência de espaços de encontro entre tais corpos e a potência dos espaços culturais e das artes em nossas vidas. Para Kilomba (2019, p. 59);

Como escritoras/es e acadêmicas/os *negras/os*, estamos transformando configurações de conhecimento e poder à medida que nos movemos entre limites opressivos, entre a margem e o centro. Essa transformação é refletida em nossos discursos. Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor- a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também, ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mas dificilmente podemos “ficar”.

Processos que travam, cansaço, rotina, histórias de tamanhas violências e dores, reconhecer-se nestes percursos trava, dói é preciso pausar. Durezas

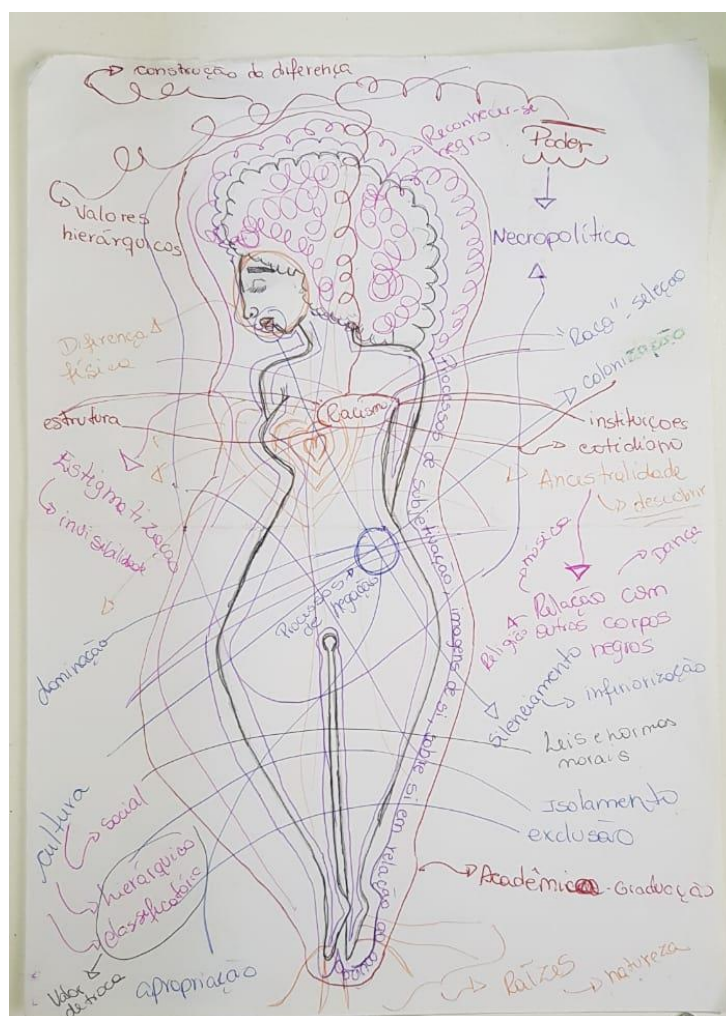


Figura 7- Meu próprio Mapa, minhas próprias linhas

cotidianas, que dizem de jogos de forças que nos movimentam, memórias corporais e cicatrizes revisitadas que pesam. Tráspor processos que movem dentro de mim linhas de diferentes cores, diferentes percursos, linhas sobrepostas, retas, curvas, fechadas e abertas.

*Outra coisa também são essas linhas, eu trabalhei bastante com linhas com uma professora na graduação e ela fala sobre essas camadas que linhas têm, textura... assim como a gente, a cada trajetória que a gente faz, a gente cria uma camada, cada cor coloca a gente numa densidade diferente. ( 2º encontro Mapa corporal, Baobá)*

Falar de um processo que diz de meu próprio corpo, de marcas e linhas que me compõem, enquanto sujeito, enquanto mulher negra, e me dão condições de existência. Parece fácil falar de si e de processos que eu mesmo vivi. Mas ao contrário, ser protagonista da própria história, contar de si e de muitos também dói, trava. Movimenta diferentes estruturas, por vezes é sufocante e aniquilador.

Encontrar outros caminhos para seguir, reconhecer-se, aquilombar-se e encontrar formas de (r)existir e poder caber onde quiser. Ter voz e ser escutado é para além de apenas uma ação. Processos também de desmanchamentos, de todos que compõem a pesquisa.

*“Agradeço aos projetos sociais que eu participei como aluno, alguns eu participei como professor também. E agradeço pela oportunidade de ter me dado espaço de me colocar como aluno e ter me dado um lugar, um espaço como professor”(3º encontro Mapa corporal narrado, Baobá), espaços importantes para construção de diversos sujeitos, possibilitando a existência de outra realidade. Oportunidades que não estão para todos, falta de condições básicas. Condições sociais que negam a um grupo populacional o mínimo.*

Resistimos e nesse emaranhado de linhas, encontramos em nossos percursos condições que nos façam seguir. Vivenciamos as experiências do racismo ao longo de nossas vidas, das mais diversas formas, segundo Kilomba (2019, p.85) “é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização.”

*Essa minha ansiedade, numa apresentação de trabalho eu ficava nervoso e me enrolava e quase não conseguia completar uma apresentação de trabalho, então quando eu comecei a entender isso e trazer isso pra minha escrita, trazer pra minha fala, começou a ficar mais consciente as coisas que eu tava aprendendo ali né, eu tinha consciência de tá aprendendo, eu só não sabia colocar isso em prática, a ansiedade era grande de mostrar pras pessoas, fazer e eu me atropelar.” (4º encontro Mapa corporal narrado, Baobá)*

Empoderar-se para poder falar, ser escutado. Sentimentos de inferioridade que também perpassam meu próprio corpo. Apenas a ideia de apresentar um trabalho é



caótico ao meu próprio corpo também, sensação de não ser compreendida, de sempre existir um julgamento quanto a minha intelectualidade ou meus saberes, estar à frente e sempre sentir-se mal, prefiro ouvir do que ser o destaque. Quando é necessário falar, travo, me perco, misturo e viro do avesso frases simples. Perceber que alguém escuta e tem interesse no que falo, acalma, alivia. Respiro, e sigo, falar é um lugar de passagem, abre espaços, mas apenas quando é acompanhado de tal escuta do outro. Kilomba (2019, p. 47) nos afirma “à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo.”

Processos interrompidos pela pandemia do COVID-19. Cotidiano rompido, pausas necessárias, dúvidas, anseios e medo surgem. Deslocamentos, caos, sem ter certezas de nada. Semanas que paralisam, outras que nos conformamos que por certo período será assim, em casa, home office, rede, há possibilidades, seguimos a escrita também.

Paralisamos novamente, uma onda de protestos contra o ato racista da polícia dos Estados Unidos contra George Floyd que o levou a morte, homem negro, cena que se repete. Desmoraamentos internos, explosão de sentires, angustias, mas também esperança de que todos os movimentos e o surgimento de tantos protestos, algo possa surgir ou mudar, e ressurgem a dificuldade de escrever. “Vidas negras importam” é o nome do movimento, reflito. Será que vai importar apenas enquanto está na mídia, que é o que sempre acontece, ou dessa vez algo mudará? Corpos negros no Brasil são ceifados diariamente, trabalho de formiguinha e longo para algo mudar, mas será que com a proporção de tais movimentos algo grande há de surgir?

E em concordância com Milton Santos (2016, s/p), fica a reflexão;

Essa luta tem que ser feita sobretudo por todos. Creio que essa etapa seguinte, a de reclamar de todos que participem; e não só em um dia ou uma semana. Eu não tenho simpatia por treze de maio e nem semana do mês de novembro, porque tenho uma enorme dificuldade em aceitar que o país celebre uma semana, celebre um dia e os resto dos 357 dias se descuide da questão. Eu creio que é importante que haja esses dias no sentido de mobilização. Só que a mobilização não é obrigatoriamente aquilo que produz a consciência.

Esperança. Para tentar seguir realizo leituras relacionadas a temática, auxiliam no processo, acompanho menos os noticiários. Dói ouvir, atravessa corpo, rememora dores passadas. Acompanho alguns debates online, todos onde o protagonismo é dado a corpos negros, encontro forças e caminhos para escrever novamente, é bom ouvir nossos pares, nos fortalecemos.

Novas experiências, desenhar mapas e linhas, ajudam também a seguir. Paro, desmancho, revisito o percurso, troco o foco e respiro. Volto me refaço, um tanto de espaços, locais, sujeitos, corpos, foi vivido nesta pesquisa. Conto, narro, revivo e revisito tudo isso de dentro do meu próprio quarto, compartilhado com mais 3 mulheres negras, uma casa onde moram 7 pessoas e lá de vez enquanto abriga muito mais. Enquanto esta pesquisa acontecia muita coisa aconteceu no mundo lá fora e também aqui dentro. Compor e construir este texto para além de reflexões importantes nesta longa caminhada e para minha formação profissional, ele é coletivo e traz muitos de outros corpos que presentificam, compõem o texto e marcam experiências vivas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Chegar aqui fecha um ciclo para mim, encerra-se está pesquisa, mas não tais processos, eles ainda seguem vivos, pulsando, mudando, recriando-se. Processos de subjetivação, novas perspectivas, desmanchamentos, reconstruções, outros corpos, é cíclico. O racismo continua a existir, a arte e a cultura apesar de todos os processos de tentarem finda-las, ainda resistem. Nossas histórias, nossa ancestralidade, mesmo com toda forma de invisibilização, de ataques violentos contra tal, segue resistindo e sendo compartilhada de geração em geração.

Não colocamos o cuidar de si como direito, nosso sofrimento é naturalizado, e somos estigmatizado/s enquanto fortes. É necessário afirma-se e reconhecer-se enquanto negro/a para poder existir. Precisamos acessibilizar espaços também de saúde e de cuidado para que pessoas pretas também possam estar, e refletirmos sobre a forma que essa população tem acesso aos serviços de saúde e cuidado. Pensar também na forma desse cuidado e de tal atendimento como promovemos tal cuidado, que perpassa pelos diferentes processos das questões raciais. É importante nos atentarmos também aos espaços de lazer, culturais e de expressão artistas como cuidado a corpos negros, espaços de encontro e trocas. Negação e privação de acesso a outro modo de saúde, fragilidades, vulnerabilidade, isso tudo como forma de resistência, e afirmação de vida.

E enquanto profissionais da saúde precisamos olhar essa dimensão e compreender o quanto ela está posta na vida de sujeitos com o qual vamos trabalhar. E atentar-se as demandas e as especificidades de pessoas negras. Experiências

cotidianas e processos sempre contínuos, para que não reproduzimos o racismo institucional e as violências que atravessam estes corpos.

*“E se a gente não olhar pro passado a gente vai voltar pra ele né”. (1º encontro com Abayomi).* Processos coloniais que se repetem se não olharmos para as feridas do passado para trata-las. É necessário refletirmos sobre tais assuntos, que afirmam existências e que possamos ser protagonistas da nossa própria história. Com esta pesquisa, é evidente que o encontro entre corpos negros é necessário, é potente, é troca, é acolhimento e também conhecimento. Preservar espaços e lutarmos por políticas públicas que garantam segurança e a manutenção destes espaços e cultura é fundamental.

Apoiar e participar de movimentos que sejam protagonizados e tenham pessoas negras amplia conhecimento e minimiza preconceitos e diversos tipos de violência. Movimentos que falam de processos que são dolorosos a estes corpos e que lutam por direitos a esta população, é urgente a participação de todos, ouvi-los e deixar falar em seus espaços, sobre suas experiências. Participação essa que não cabe apenas a corpos negros, para que ocorram mudanças e lutemos por ela, para que todos reflitam sobre ações racistas e nosso passado colonial, e possam compartilhar tal conhecimento. É necessário que todos sejam antirracistas. É necessário dialogarmos com todos e em todos os âmbitos as questões raciais e o racismo, para que quando em uma sala de aula ou qualquer outro espaço o assunto for relacionado a negritude, todos possam dialogar e construir novas perspectivas e conhecimento, e o foco não seja na minoria negra em tal espaço.

Acompanhamos marcas corporais que falam de processos de subjetivação de sujeitos que se reconhecem enquanto um corpo negro, e encontram nas mais diferentes durezas formas para resistir. E afirmam suas existências a partir da arte, da dança, da cultura, dos movimentos sociais, no encontro com outros corpos negros. Movimentos estes que abrem potências clínicas, estéticas e políticas para tais existências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADCHIE, C. N. **TED**: O perigo da história única. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ&t=318s>>. Acesso em 21 de ago de 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo**. Trad. Nilceia Valdati. Florianópolis- SC, 2005. P. 9-16. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>. Acesso em: 25 de jun de 2019.

AGUIAR, M., M. **“Raça” e desigualdade**: as diversas interpretações sobre o papel da raça na construção da desigualdade social no Brasil. Tempo da Ciência. 2008. V.15, n 29, p. 115-133.

ALMEIDA, S. L. [ Entrevista disponibilizada em 22 de junho de 2020, programa Roda Viva]. 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=L15AkiNm0lw>>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento,2018. 203 p.

ANDRÉ, M.C. **Processos de subjetivação em afro-brasileiros**: anotações para um estudo. Rev. Psic.: Teor. e Pesq. [online]. 2007, vol.23, n.2, p.159-167. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n2/a06v23n2.pdf>>. Acesso em 24 de jun de 2019.

ARLINDO, S.; AFREKA, K. V. **Samba**: Raiz, memória e ligação entre Brasil e África. In: Geledés, 2015. [S.l.]. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/samba-raiz-memoria-e-ligacao-entre-brasil-e-africa/>>. Acesso em: 26 de jun de 2019.

BARCELOS, G. S. **Danças afro e suas sensíveis significações**. 2018. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

BATISTA, P.C. **O quilombismo em espaços urbanos**: 130 anos após a abolição. Rev. Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 397 – 416, set. 2019. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153780>>. Acesso em: 15 de set de 2020.

BATISTA, W. M. **A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural**: DE ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018. Rev. Direito Práx., Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 4, 2018, p. 2581-2589.

BICALHO, R.A; PAULA, A.P.P. **Violência Simbólica**: uma Leitura a partir da Teoria Crítica Frankfurtiana. II Encontro de Gestão de Pessoas e relações de trabalho. 2009. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR137.pdf>> . Acesso em: 25 de jun de 2019.

BUSS, P. M.; FILHO A. P. **A saúde e seus Determinantes sociais**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1):77-93, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>>. Acesso em: 20 de jun de 2019.

CARNEIRO, A. S. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser.** 2005. 339 p. Tese (Doutorado em educação) – USP. São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, L.; LIMA, W. **A cultura negra: luta e resistência de um povo.** In: Brasil de fato. 2017. [S.l.]. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/21/a-cultura-negra-luta-e-resistencia-de-um-povo/>>. Acesso em: 26 de jun de 2019.

CARVALHO, A.I. **Determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde.** In FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A saúde no Brasil em 2030 - prospecção estratégica do sistema de saúde brasileiro: população e perfil sanitário [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz/Ipea/Ministério da Saúde/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013. Vol. 2. pp. 19-38. ISBN 978-85-8110-016-6. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/8pmmmy/pdf/noronha-9788581100166-03.pdf>>. Acesso em 15 de jun. de 2019.

CARVALHO, L. **A Lei 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro- brasileira e africana.** In: Brasil escola. Disponível em: < <https://educador.brasile scola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm> > Acesso em : 3 de mai de 2019.

CARVALHO, Y.M.; GOMES, I.M. (org.) **As práticas corporais no campo da saúde.** São Paulo: Hucitec, 2013.

CHAGAS, I. **Como o funk surgiu no Brasil e quais suas principais polemicas?.** In: Politize, 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/#:~:text=Trazido%20para%20o%20Brasil%20no,come%C3%A7aram%20a%20adentrar%20o%20sub%C3%BArbio>>. Acesso em: 18 de ago de 2020

CHAVES, E. S. **O racismo contra o negro e a aprendizagem cultural.** Rev. Brus. Cresc. Desenv. Human. São Paulo. V13, n. 2, p. 11-19, 2003. Disponível em: < [file:///C:/Users/Layana/Downloads/39775-Texto%20do%20artigo-46968-1-10-20120822%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Layana/Downloads/39775-Texto%20do%20artigo-46968-1-10-20120822%20(1).pdf) >. Acesso em: 7 de set de 2019.

CLEVES, A.S. **A identidade cultural dentro da roda de capoeira: um olhar entre o centro e a periferia.** Universidade de São Paulo, SP. 2014. Disponível em: < <https://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/530/detalhe>>. Acesso em 25 de jun de 2019.

COSTA, J. B.; GROSGOGEL, R. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Rev. Soc. estado. V.31, n.1. Brasília. 2016. P. 15-24. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>>. Acesso em jun de 2019.

DOMINGOS, L.T. **A visão Africana em relação a natureza.** Anais do III encontro nacional do gt história das religiões e das religiosidades – anpuh -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, 2011. 11 p. Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em 15 de abri. de 2020.

FANON, F. **Pele Negra. Máscaras Brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FARIAS M.N.; LEITE JÚNIOR J. D.; COSTA I.R.B.B. **Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial.** Rev.Interinst.Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2018, v.2. n.1, p 228-243.

FARIAS, J. **A identidade negra e sua construção:** definições e problemáticas. 2018. Disponível em: <http://medium.com/@fariasjordao>. Acesso em: 13 de ago de 2019.

FAVRE, R. **Trabalhando pela biodiversidade subjetiva.** Cadernos de Subjetividade. São Paulo. 2010; 12(1): 108-123.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C. **Identidade negra entre exclusão e liberdade.** Rev. do Instituto de Estudos Brasileiros. Nº 63, abr de 2016, p. 103-120.

FERREIRA, N. da R. **Em olhares:** empoderamento do eu que esteve em silenciamento. 2019. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso ( Graduação em Dança Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

FRANÇA, M. M. L.; QUEIROZ, S. B.; BEZERRA, W. C. **Saúde dos povos de terreiro, práticas de cuidado e terapia ocupacional:** um diálogo possível?. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 105-116, 2016.

GANDIN, L. A.; HYPOLITO, Á. M. **Dilemas do nosso tempo:** globalização, multiculturalismo e conhecimento (entrevista com Boaventura de Sousa Santos). CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS, v. 3, n. 2, pp. 5-23, jul/dez, 2003.

GARCIA, F.M. **Genocídio ?** A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no país. Observatório do Terceiro setor, 2018. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/carrossel/genocidio-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-pais/>>. Acesso em: 5 de abril de 2019.

GASTALDO, D., MAGALHÃES, L., CARRASCO, C.; DAVY, C. (2019). **Pesquisa através de mapas corporais narrados:** Considerações metodológicas para contar as histórias de trabalhadores indocumentados através de mapas corporais. (Trad. Jordana Domagalski, Diego Garcia, Sofia Martins & Aline Costa). Disponível em: <http://www.migrationhealth.ca/undocumented-workers-ontario/body-mapping> (original em inglês, 2012).

GASTALDO, D.; MAGALHÃES, L.; CARRASCO, C. Mapas corporais narrados: um método para documentar trajetórias de saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento. In: FRAGA, A.B.; CARVALHO, Y.M.; GOMES, I.M. (org.). **As práticas corporais no campo da saúde.** São Paulo: Hucitec, 2013.

GONÇALVES, A. M. **Brasileiros brancos não querem aceitar seu racismo na controvérsia sobre as máscaras africanas.** In: The Intercept\_, 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/02/17/white-brazilians-dont-want-to-accept-their-racism-in-controversy-over-african-head-wraps/>>. Acesso em 15 de set de 2020.

GONÇALVES, J. **Um olhar sobre a saúde mental do negro no Brasil.** In: Geledés, 2018. Disponível em : <<https://www.geledes.org.br/um-olhar-sobre-saude-mental-do-negro-no-brasil/>>. Acesso em: 20 de mar de 2019.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** Cartografia do Desejo. Petrópolis, RJ: Editora, vozes, 1996. 327 p.

HOOKS, B. **Intelectuais negras.** Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464-469, 1995.

HOOKS, B. **Vivendo de amor.** In: Geledés, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>>. Acesso em: 15 de jul de 2020.

Instituto Amma Psique e Negritude - AMMA. **Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

JARDIM, A. de P. **Globalização Neoliberalismo e Estados-Nação**: reflexões analíticas. Rev. Perspectiva sociológica. V.2. nº3, 2019. P. 1-14.

KILOMBA, G. **Memória da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. 1º ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019. 244 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <<http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=2&sid=f194ebb1-a786-4592-8a8f-4344a3bdc519%40sessionmgr102&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1lZHMtbGl2ZSZzY29wZT1zaXRI#AN=edsmib.000011052&db=edsmib>>. Acesso em maio de 2019.

LEÃO, R. **Tudo nela Brilha e queima**. 3 ed. São Paulo: Planeta doo Brasil, 2017. 118 p.

LEÃO, R. **Jamais Peço desculpas por me derramar**. 1 ed. São Paulo: Planeta doo Brasil, 2019. 157 p.

LIBERMAN, F. **O corpo como pulso**. Interface. V. 14, n. 33. 2010, p. 449-460.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. **Um corpo cartógrafo**. Interface. V. 19, n 52. 2015, p. 183-93.

LIMA, D. S. da S. **Fazer sentido para fazer sentir**: Resignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras. 2017. 202 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2017.

LOPES, J.S. **Lugar de branca/o e a/o “branca/o fora do lugar”**: representações sobre a branquitude e suas possibilidades de antirracismo entre negra/os e branca/os do/no Movimento Negro em Salvador-BA. 2016. 255 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social e Cultural)- Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

MARCELLO, F. A. **O conceito de dispositivo em Foucault**: mídia e produção agonística de sujeitos maternos. Educação & Realidade, Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 29, n. 1, p. 199-213, 2004.

MARTINS, R.A.S.; MACHADO, L.D. **Por uma ética da existência ou a criação de rotas de fuga**: políticas de subjetivação em tempos contemporâneos. Revista Lampejo. V.1, nº 4, nov/2013, p. 38-45.

MBEMBE, A. **A crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 3. ed, 2014.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: Biopoder, soberania e estado de exceção, política da morte. Revista do ppgav/eba/ufrrj; Arte e ensaios. n. 32, 2016. Disponível em <<https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>>. Acesso em: 26 de abr de 2019.

MERENDI, Tatiana Peghim. **O poder do Estado**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, VIII, n. 22, 2005. Disponível em: <

[http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=331](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=331)  
> . Acesso em: 8 de maio de 2019.

MINAYO, M. C. de S. et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 17. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. 80 p.

MINAYO, M.C.S. **Conceitos, teorias e tipologias de violência**: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: Sousa ER, organizadores. Curso impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro; 2007. p. 21-42. Disponível em: <[http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec\\_mulher/capacitacao\\_rede%20modulo\\_2/205631-conceitos\\_teorias\\_tipologias\\_violencia.pdf](http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/capacitacao_rede%20modulo_2/205631-conceitos_teorias_tipologias_violencia.pdf)>. Acesso em: 25 de jun de 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde**, Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em:<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Considerando que a ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde**, Brasília, DF, 7 abr. 2016. Disponível em:<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html)>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MONSANO, S.R.V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP. V. 8, nº2, dez de 2009, p. 110-117.

MUNANGA, K. **Negritude**: usos e sentidos. Coleção Cultura Negra e Identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. P. 109-117.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2019.

MUNHÖZ, J. F. T. **Entre a aceitação e a negação**: a construção literária do negro como modelo em O mulato. Gragoatá, Niterói, v.22, n. 43, p. 598-612, mai.-ago. 2017  
negros por meio da dança na cidade de São Paulo. 2009. 180 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2009.

NEVES, C. E. A. B. **Modos de interferir no contemporâneo**: um olhar micropolítico. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 56, n. 1, 2004. P. 2-19

NOGUERA, Renato. **Infância em afroperspectiva**: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. Re-vista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Nº 31: mai.-out./2019, p. 53-70. Disponível em:<DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28256>>. Acesso em 16 de set de 2020.

RAMOS, L. **Na minha pele**. 1 ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2017. 152 p.



REIS, B. M.; LIBERMAN, F.; CARVALHO, S. R. **Linhas de um fazer entre corpos** - a cartografia, a dança, a clínica e uma experiência de pesquisa. *ILINX REVISTA CIENTÍFICA DO LUME*, v. 7, p. 17, 2015. Disponível em: <<https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/337>>. Acesso em 5 de maio de 2019.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em: 1 de maio de 2019.

ROLNIK, S. O inconsciente colonial-capitalístico. In: ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2 ed. [S.l.], n°1-edições, 2018. Disponível em: <[http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/rolnik\\_02.pdf](http://www2.fe.usp.br/~gpef/teses/rolnik_02.pdf)>. Acesso em: 15 de ago de 2019.

SAGATIBA, F. **Palavras de origem africana no vocabulário Brasileiro**. In: Geledés, 2015. Disponível em:< <https://www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/>>. Acesso em 7 de ago de 2020.

SAITO, C. CASTRO, E. **Práticas corporais como potência da vida**. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p 177-188.

SANTOS, B.S.; ARAUJO, S.; BAUMGARTEN, M. **As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa**. *Sociologias*, Porto Alegre, 2016, vol.18, n.43, p.14-23. Disponível em: <<file:///C:/Users/pccli/Downloads/artigoventuraeste.pdf>>. Acesso em: 19 de jun de 2019.

SANTOS, B. S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010. Cap. 1, p. 31-83.

SANTOS, M. **Como é ser negro no Brasil**, por Milton Santos. In: Geledés, 2017. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/?gclid=CjwKCAjwkoz7BRBPEiwAeKw3q1mIYBL8To5NG1mg9G0hbj20MhG1PQINyOo\\_E0v\\_d2uVWSJE71ZhoCFpoQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/como-e-ser-negro-no-brasil-por-milton-santos/?gclid=CjwKCAjwkoz7BRBPEiwAeKw3q1mIYBL8To5NG1mg9G0hbj20MhG1PQINyOo_E0v_d2uVWSJE71ZhoCFpoQAvD_BwE)>. Acesso em 14 de set de 2020.

SANTOS, M. **O lugar e o cotidiano**. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010, cap.4, p. 584-602.

SANTOS, W. M. dos. **Break-ar a vida: o processo de subjetivação de jovens**. 2009. 180 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2009.

SILVA, J.G.D. **Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação**. Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades. UCSal, Salvador, BA, 2014. V.17, n.3, p.263-275.

SILVIA, K.L.; SENA, R.R.; SILVEIRA, M.R.; TAVARES, T.S.; SILVA, P.M. **Observação e registro no diário de campo do pesquisador: desvendando os desafios e facilidades relacionados ao cotidiano das pesquisas qualitativas**. 17º Seminário nacional de pesquisa em enfermagem. Jun de 2013. P. 109-111. Disponível em:

<[http://www.abeneventos.com.br/anais\\_senpe/17senpe/pdf/0057co.pdf](http://www.abeneventos.com.br/anais_senpe/17senpe/pdf/0057co.pdf)>. Acesso em: 29 de jun de 2019.

SOUZA, N.S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2. Ed. Rio de Janeiro. Graal, 1983. 88 p.

VIEGA, L. **Descolonizar a psicologia**: Considerações a uma psicologia preta Centro de estudos das Relações de trabalho e Desigualdades, 2017. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/20238/descolonizar-a-psicologia-consideracoes-a-uma-psicologia-preta>>. Acesso em: 15 mar de 2019.

VIERA, K. **Boneca Abayomi**: símbolo de resistência, tradição e poder feminino. In: Geledés, 2015. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>>. Acesso em 7 de ago de 2020.

WEDDERBURN, Carlos Moore. **O racismo através da história**: da antiguidade à modernidade. 2007. Disponível em: <[http://www.ipeafro.org.br/10\\_afro\\_em\\_foco/index.htm](http://www.ipeafro.org.br/10_afro_em_foco/index.htm)>. Acesso em: 30 maio 2019.

WERNECK, J. **Nossos passos vêm de longe!** Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications. 2019. Disponível em : <<http://books.openedition.org/iheid/6316>>. Acesso em 5 de ago de 2020

ZANIN, T. **Alecrim**: para que serve e como usar. In: Tua saúde. 2018. Disponível em: < <https://www.tuasaude.com/alecrim/>>. Acesso em 10 de set de 2020.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DOS MAPAS CORPORAIS NARRADOS**  
**ROTEIRO DOS MAPAS CORPORAIS NARRADOS**

<b>Atividades previstas</b>	<b>Explicação</b>	
1º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Introdução ao Mapas corporais com explicação de seus propósitos e relação com a pesquisa;</li> <li>● Traço corporal;</li> <li>● Percurso de tratamento e relação com as sequelas geradas;</li> <li>● Atividade de casa: pensar um símbolo e slogan pessoal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Explicação (5min);</li> <li>● Traço corporal é contorno sobre o papel, em uma postura que é mais característica de quem o sujeito é, para dar início ao mapa corporal (20 min);</li> <li>● Percurso de tratamento são símbolos desenhados no mapa que representam esse período (30 min);</li> <li>● A atividade de casa tem o objetivo de facilitar o início do próximo encontro. Explica-se brevemente sobre o que deverá ser feito (5min).</li> </ul>
2º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Símbolo e slogan pessoal;</li> <li>● Marcas acima e abaixo da pele;</li> <li>● Autorretrato;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Símbolo e slogan pessoal: são representações sobre sua vida relacionados com os processos de subjetivação vivenciados (10 min)</li> <li>● Marcas na pele são desenhos de marcas físicas e emocionais adquiridas;</li> <li>● No autorretrato os sujeitos devem pensar quem são e como querem ser mostrados ao mundo, desenhando isso em sua cabeça (10 min).</li> </ul>

3º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Análise corporal para pontos forte e dificuldades;</li> <li>● Estruturas de suporte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Análise corporal é caracterizar os locais de poder e força que estão presentes em seu corpo, bem como o impacto de sua vivência que esteja presente nele. (20min);</li> <li>● Estruturas de suporte são a identificação de pessoas, instituições ou outras vias que ajudam o sujeito em seu percurso cotidiano (20 min).</li> </ul>
4º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Desenhando o futuro;</li> <li>● Narrativa do participante;</li> <li>● Decorando-acabamento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Desenhando o futuro é a exploração dos objetivos para o futuro (15 min);</li> <li>● A narrativa é a contação da história do seu Mapa Corporal, de Maneira como ele quer ser dito aos outros (15 min);</li> <li>● Decorando-acabamento permite ao participante analisar seu mapa e ver as lacunas presentes, tendo a oportunidade finalizar o desenho e dar os últimos retoques ao seu trabalho (tempo final).</li> </ul>

Adaptado de Gastaldo et. al. (2012)